

MARINA BUSTAMANTE RIBEIRO

**AUTOSSUFICIÊNCIA DE ENTENDEDORES E A
INSUFICIÊNCIA DE ENTENDIMENTOS:
LINGUAGEM NO ÂMBITO DO RURAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Agroecossistemas, Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Renato D'Agostini

FLORIANÓPOLIS
2010

Ficha Catalográfica

Bustamante, Marina Ribeiro

Autossuficiência de entendedores e a insuficiência de entendimentos: linguagem no âmbito do rural / Florianópolis – SC, 2010.

Orientador: Luiz Renato D'Agostini

Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias.

Bibliografia: f. 65 - 67

1. O ser humano na linguagem. 2. Comunicação no rural e na academia. 3. Domínios linguísticos. 4. Clareza no discurso. I. Título.

MARINA BUSTAMANTE RIBEIRO

AUTOSSUFICIÊNCIA DE ENTENDEDORES E A INSUFICIÊNCIA
DE ENTENDIMENTOS:
LINGUAGEM NO ÂMBITO DO RURAL

Dissertação aprovada em 07/05/2010, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Luiz Renato D'Agostini
Orientador

Prof. Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho
Coordenador do PGA

BANCA EXAMINADORA:

Valmir Luiz Stropasolas
Presidente (UFSC/CCA)

Claire Marie T. Cerdan
Membro (UFSC/CCA)

Heronides M. de Melo Moura
Membro (UFSC/CCE)

Mônica Aparecida A. dos Santos
Membro (UFSC/CCA)

Florianópolis, 07 de maio de 2010

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos:

Ao professor D'Agostini, por me instigar, me fazer refletir e me motivar na realização do presente trabalho. Pessoa pela qual tenho profunda admiração e respeito.

Aos agricultores e técnicos do Alto Jequitinhonha - Minas Gerais, e aos estudantes e professores do Centro de Ciências Agrárias da UFSC que cederam parte do seu tempo para as entrevistas. Em especial aos técnicos do CAV, por me receber e ceder alojamento e transporte.

Aos membros da banca por aceitarem o convite.

Aos meus tios Sandra e Jansen, que me acolheram no início de uma nova fase.

As minhas amadas tias: Cidinha, Luiza e Elsa que serão sempre meu exemplo de dedicação, responsabilidade e força.

Meus avós, que sempre estiveram orando por mim.

Pela confiança dos meus pais: Fátima e Walter.

Às minhas maiores riquezas: minhas irmãs Isabelle e Nanda.

As amigas de todas as horas: Aimeé, Cintia e Aglair.

As dicas dos amigos e irmãos do coração: Zaira e Adinor.

Aos colegas de mestrado que estarão sempre no meu coração: Lívia, Mari, Thiago, Ló, Rodrigo, Murilo, Fernanda e Nilton.

Às pessoas que me brindaram com suas boas energias: Paloma, Alejo, Doty, Paulinho, Pedro, Ivan, Sebastian e Marquito.

Aos professores do mestrado por fundamentarem em mim importantes reflexões.

A querida Janete, exemplar profissional, sempre disposta a ajudar.

Ao Programa que possibilitou a bolsa emergencial para a conclusão desse trabalho.

“... Nossa trajetória de vida nos faz construir nosso conhecimento do mundo – mas este também constrói seu próprio conhecimento a nosso respeito.

Mesmo que de imediato não o percebamos, somos sempre influenciados e modificados pelo que vemos e sentimos. Quando damos um passeio pela praia, por exemplo, ao fim do trajeto estaremos diferentes do que estávamos antes. Por sua vez, a praia também nos percebe. Estará diferente depois da nossa passagem: terá registrado nossas pegadas na areia...

Portanto, pode-se dizer que construímos o mundo e, ao mesmo tempo, somos construídos por ele. Como em todo esse processo entram sempre as outras pessoas e os demais seres vivos, tal construção é necessariamente compartilhada. Para mentes condicionadas como as nossas não é nada fácil aceitar esse ponto de vista, porque ele nos obriga a sair do conforto e da passividade de receber informações vindas de um mundo já pronto e acabado – tal como um produto recém saído de uma linha de montagem industrial e oferecido ao consumo. Pelo contrário, a idéia de que o mundo é construído por nós, num processo incessante e interativo, é um convite à participação ativa nessa construção. Mais ainda, é um convite à assunção das responsabilidades que ela implica. Não se trata, porém, de uma escolha retórica, e sim do cumprimento de determinações que derivam da nossa própria condição de viventes...”

Humberto Mariotti
Prefácio de “A ÁRVORE DO CONHECIMENTO”

Autossuficiência de entendedores e a insuficiência de entendimentos: linguagem no âmbito do rural

Marina Bustamante Ribeiro
Orientador: Luiz Renato D'Agostini

RESUMO

Linguagem é qualquer meio para comunicar. O comunicar entre humanos é conduta que se tornou mais e mais complexa ao longo da evolução. Assim como as espécies vivas, a comunicação, especialmente a partir da linguagem falada, evolui. A linguagem falada e escrita pode criar novos e ricos significados, mas que podem se tornar imprecisos demais, com significado eventualmente insuficiente. Nas relações voltadas ao desenvolvimento do rural, e em especial no meio urbano, a ambigüidade decorre da insuficiência de coerências entre significados atribuídos às mesmas expressões. O presente estudo tem como objetivo identificar a existência da falta de convergência entre significados nas expressões *agricultura familiar*, *agroecologia*, *desenvolvimento sustentável e sustentabilidade*. Para tanto foram identificadas diferenças de significado dessas expressões entre e dentro de categorias sociais. Supõe-se que o entendimento manifestado por parte de cada indivíduo é determinado, e pode ser caracterizado, a partir da ontologia e da epistemologia que o orienta. A identificação e a distinção de entendimentos sobre significados das expressões envolveu duas etapas: a primeira, em campo, com a realização de entrevistas semi-estruturadas; a segunda, *distribuindo* os diferentes entendimentos manifestados em um espaço de fases definidos em eixos reducionismo-holismo e relativismos-objetivismo. O estudo foi realizado junto a agricultores e técnicos do Alto Jequitinhonha, Minas Gerais, docentes e discentes do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. Em todos os casos foi possível verificar forte dispersão da natureza de entendimentos sobre as mesmas expressões seja entre categorias ou dentro das categorias, denotando elevado potencial de ambigüidade na comunicação.

Palavras-chaves: linguagem, comunicação, ontologia, epistemologia.

SELF-SUFFICIENCY OF PERCEIVERS AND THE LACK OF UNDERSTANDINGS: LANGUAGE IN THE CONTEXT OF RURAL

ABSTRACT

Language is any resource to communicate. The communication between humans is conduct that has become more and more complex through evolution. Like the living species, communication, especially from the spoken language evolves. The spoken and written language can create new rich meanings, but which may become inaccurate too, acquiring ambiguous meanings. In relations focused on the rural development and urban areas in particular, the ambiguity arises from the lack of coherence between meanings assigned to such expressions. This study aims to identify the existence of the lack of convergence between meanings in the expressions *family farming*, *agroecology*, *sustainable development* and *sustainability*. For both were identify differences in the meaning of expressions within and among social categories It is assumed that the understanding expressed by each individual is determined and can be characterized, from the ontology and epistemology that guides. The identification and distinguishing the understandings about the meanings of the expressions involved two stages: the first in the field, with the realization of semi-structured interviews, the second *distributing* the different understandings manifested in a phase space defined by axes reductionism - holism and relativism - objectivism. The study was conducted with farmers and technicians of Alto Jequitinhonha, Minas Gerais, teachers and students of the Center for Agrarian Sciences, Federal University of Santa Catarina. In all cases it was possible to verify highly dispersed nature of understandings as to such expressions whether between classes or in the category, indicating a high potential for ambiguity in communication.

Keywords: language, communication, ontology, epistemology

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Mapa de Minas Gerais: em destaque região do Vale do Jequitinhonha	35
Figura 2: Atribuições de perfis ontológicos e epistemológicos.....	40
Figura 3: Níveis de intensidade orientadores do entendimento.....	44
Figura 4: Dispersão da natureza de significados expressos a partir de manifestações de membros de categorias de entrevistados sobre o significado de <i>agricultura familiar</i>	51
Figura 5: Dispersão da natureza de significados expressos a partir de manifestações de membros de categorias de entrevistados sobre o significado de <i>agroecologia</i>	54
Figura 6: Dispersão da natureza de significados expressos a partir de manifestações de membros de categorias de entrevistados sobre o significado de <i>desenvolvimento sustentável</i>	57
Figura 7: Dispersão da natureza de significados expressos a partir de manifestações de membros de categorias de entrevistados sobre o significado de <i>sustentabilidade</i>	60

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Objetivos.....	16
1.2 Justificativa.....	17
2. CONTEXTUALIZANDO A QUESTÃO.....	19
2.1 O ser humano na linguagem	19
2.2 Distinguir significado é o primeiro passo.....	21
2.3 A natureza comunicativa do ser humano.....	25
2.4 Ontologia, Epistemologia e Comunicação	28
2. 5 O erro: causa e consequência.....	31
3. SEGUINDO UM CAMINHO: O MÉTODO	34
3.1 Áreas de estudo.....	34
3.1.1 Agricultores e técnicos do Alto Jequitinhonha - MG	34
3.1.2 Docentes e discentes de agronomia da Universidade Federal de Santa Catarina.....	38
3.2 Desenvolvimento da pesquisa.....	39
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

1. Introdução

*O que é vital hoje não é apenas aprender,
não é apenas reaprender, não é apenas
desaprender, mas sim 'reorganizar o nosso
sistema mental para reaprender a aprender'.*
(E. Morin)

Linguagem é qualquer recurso que os seres vivos utilizam para se expressar, para se comunicar, é procedimento que situa o ser em seu mundo. Linguagem não é apenas aquilo que se fala e o que se escuta, mas todo o movimento do corpo, olhares, gestos com as mãos, expressões da face, tudo encerra um significado, porque tudo comunica.

O ser humano é único na tão desenvolvida e sofisticada capacidade de se comunicar com palavras. Falamos, gesticulamos, escrevemos, e assim nos comportamos de forma singular através da linguagem.

No âmbito de relações entre humanos, toda comunicação se dá entre membros de uma unidade social através de comportamentos coordenados. A complexidade de nossas relações sociais demanda linguagem elaborada, sofisticada. Um ponto chave para a compreensão da comunicação humana está no entendimento dos comportamentos coordenados. Linguagem não é apenas informação transmitida, pois a comunicação depende do entendimento do receptor. Não importa quanto possa parecer coordenado o que é dito por quem diz, se o significado do que é dito para quem ouve tiver outro significado. Quanto mais consciente o ser que se comunica, mais a linguagem terá que ser coordenação de coordenação de comportamentos para que a comunicação seja efetiva.

Assim como espécies de seres vivos evoluem, a linguagem também passa por esse processo. Neste processo vão surgindo imprecisões, e as palavras vão adquirindo diversos e ricos significados, mas também significados insuficientes para todos os contextos, podendo assim os seres mais conscientes, mais capazes de pensar, também se tornarem confusos demais.

A confusão no uso da linguagem dificulta encaminhamentos, soluções suficientes, ou simples melhorias. A apropriação de oportunidades por parte do mais adaptado a partir da linguagem é inerente ao processo de evolução que permitiu a emergência e a valorização da competitividade. Para Morin (1979) a linguagem e a cultura desempenharam papel condicionador da evolução biológica.

Uma linguagem mais rica permite uma organização social mais complexa, em que a comunicação com menor ambigüidade é fundamental nas relações sociais a partir das quais imaginamos poder construir humanidade.

A imprecisão da linguagem que cria diversos significados é que nos faz confundir, por exemplo, justiça com direito, e todas as apropriações de oportunidades que isso possibilita. É mais pela justiça, que em princípio todos mereceriam, que deveríamos lutar, e menos pelos direitos, que nem todos ou poucos podem garantir. Os direitos são muito bem exercidos pelos mais fortes, ou seja, por aqueles que podem mobilizar aparatos que “determinam” o que é ou não justo à luz de um direito definido em papel. Será que o direito pode contribuir na construção de mundo mais justo, na promoção de maior justiça, quanto a verdadeira justiça contribui para criação de humanidade? Será que não há nenhuma implicação social negativa em reconhecermos o juiz como representante da justiça fundada em valores morais, ao invés de reconhecê-lo como representante do direito socialmente construído?

No contexto de modos de viver no rural, o agricultor precisa estar de acordo com a justiça, que é elementar distinguir, ou com o direito sofisticadamente definido nas leis dos homens? Serão todas justas as mensagens que chegam ao pequeno agricultor por estarem de acordo com normas definidas por interesses que podem ser mais urbanos, de pessoas que se expressam de maneira mais convincente?

A imprecisão da linguagem não está presente apenas nas confusões que fazemos entre expressões mal usadas. Está presente também em algumas expressões que possuem significados insuficientes e são usadas demais.

Verifica-se, assim, que em relação a várias expressões, não há entendimento suficiente, porque o que é dito pode ser interpretado de diversas formas, considerando que pessoas diferentes a escutam e que só podem compreender a partir do que são, a partir da sua estrutura, de sua maneira de ver, e de entender.

Talvez a única forma de linguagem humana que pode ser usada sem se sofisticar demais é a matemática. Talvez através dos números, que também não podem ser infinitamente exatos, ela é suficientemente precisa para tratarmos com objetividade significados impregnados de subjetividade. Mas para tanto, seria necessário compreendê-la minimamente, e saber utilizá-la suficientemente.

Nesse estudo nos atemos à linguagem falada, pois nosso interesse maior está em identificar a existência de entendimentos insuficientes em relação a diferentes expressões comuns no âmbito do

rural. No entanto, foi necessário um mínimo de *matematização* de relações entre significados, para que pudéssemos ser suficientemente objetivos no que queremos discutir usando linguagem.

Como poderíamos, a partir de conceitos que nos orientam, produzir com outros no ato da convivência um mundo melhor, quando a imprecisão na linguagem sempre beneficia o mais adaptado? Isso é um tema que deve interessar a todos. Se buscamos viver um mundo melhor devemos, em princípio, saber os significados atribuídas às expressões utilizadas. Em todos os contextos essa discussão se torna relevante. No presente estudo questiona-se se estaria o processo da reprodução do viver no rural imune às conseqüências da imprecisão na linguagem no vocabulário e na comunicação entre acadêmicos, e que invade o vocabulário da linguagem que (re)constrói o mundo da ruralidade.

A confusão que se gera na comunicação hoje presente na reprodução do rural torna essa discussão importante às possibilidades de ruralidade sustentada pela produção agrícola de pequeno porte. No caso das assim ditas ciências agrárias, existem palavras utilizadas com insuficiência de significados. E a partir destas palavras são construídos conceitos que possibilitam diversas interpretações. Por exemplo: *agricultura familiar, sustentabilidade, agroecologia, economia solidária, ambiente e meio, agregação de valor, segurança alimentar, autoconsumo*, entre outros. Essas expressões são utilizadas sem que se possa, todos e cada um, ter idéia do que elas significam ou de como elas estão sendo compreendidas e interpretadas pelo outro, e com o qual co-construímos um mundo a partir da linguagem. Claro, em mundo que aprendeu a compreender a importância da diversidade, em mundo que evolui, a diversidade de significados atribuíveis a idênticas expressões podem ser interpretadas como possibilidades boas para todos... Mas assim como as mutações genéticas que potencialmente promovem variedade boa ou deletéria, a linguagem não emergiu para o bem, mas numa evolução que não tem compromisso com o melhor.

O presente trabalho tem o objetivo de identificar a diversidade de entendimentos existentes no uso da linguagem e, a partir daí, testar três possibilidades: se com a proximidade entre as categorias pesquisadas (professores e estudantes, e técnicos e agricultores), existiria alguma influência sobre a formulação e conceitos manifestados; se o grau de instrução contribui para uma maior ou menor clareza conceitual; e se existe diferença detectável nos significados de expressões supostamente importantes, quando expressas por pessoas de diferentes categorias ligadas à reprodução do rural.

1.1 Objetivos

Objetivo geral

Identificar a existência da falta de convergência entre significados de expressões no uso da linguagem presente na construção e orientação rural.

Objetivos específicos

Identificar diferenças de significado de expressões entre e dentro de categorias sociais da ruralidade.

Associar significados atribuídos a expressões, com domínios lingüísticos ontológica e epistemologicamente orientados.

1.2 Justificativa

O ser humano tem-se preocupado muito, e parece se preocupar cada vez mais, com as rápidas transformações que vêm ocorrendo na biosfera, parte provocadas por ele mesmo, parte pelas próprias mudanças naturais. Todos desejam bons meios para se viver bons ambientes, mas infelizmente o meio no qual vivemos não pode atender todas as nossas necessidades socialmente construídas.

Cada vez mais discursamos em favor do *meio ambiente*. Continuamos lutando por nossos direitos, mais do que pela justiça, ainda que o façamos em nome da justiça. Direitos que foram inventados por humanos em parlamentos, talvez nem sempre os mais humanizados, que não raramente vêm em detrimento da justiça. A justiça constitui noção que determinou condutas culturalmente orientadas, condutas estas que, como aponta Morin (1973), contribuíram decisivamente para a evolução do primata que se tornou humano.

A insuficiência de significados pretendidos, ou ingenuamente admitidos em palavras e expressões, é bastante comum. É por isso, por exemplo, que continuamos pedindo por *solidariedade*, mesmo que a solidariedade entre os *fortes* sempre seja mais forte do que entre aqueles que têm menos.

Mais recentemente incluímos em nossos discursos expressões como *sustentabilidade*, *descarbonização do desenvolvimento*, *desenvolvimento sustentável*, e outros questionáveis significados atribuídos com o intuito de garantir impacto em nossas mensagens comumente bem intencionadas, e muitas delas *ingenuamente* interessadas em “salvar o planeta”.

Para começarmos a falar de todo e qualquer problema que envolva a biosfera, ou apenas e principalmente o ser humano, devemos estar minimamente seguros de que as palavras que estamos usando tenham de fato o significado que se pressupõe que estas palavras têm. Precisamos ter clareza, e responsabilidade, sobre o que estamos dizendo, o que estamos ouvindo e sobre o que estamos reproduzindo.

É a partir de crescente clareza da necessidade de se levantar e discutir esta problemática, e não a partir de certezas, que este estudo se torna relevante. A idéia instigadora inicialmente levantava o questionamento a respeito da possibilidade de que projetos do governo poderiam ter sua efetividade reduzida, ou mesmo anulada em atender as necessidades de famílias do semi-árido brasileiro, quando não existisse

o cuidado suficiente com o uso das palavras. Posteriormente pensou-se em estudar e compreender a importância desses aspectos de comunicação entre diferentes categorias de atores sociais que executam e que são ou seriam beneficiados pelos projetos voltados à boa intenção de atender as necessidades de famílias rurais a partir de um Programa específico. Por fim chegou-se à presente delimitação do objeto do presente estudo: verificar eventuais insuficiências na comunicação em face das insuficiências de significado em expressões comumente utilizadas na orientação do rural. Enfim, confusões no uso de linguagem podem ocorrer para além da execução de projetos, de uma região, ou de dois indivíduos. Muitas palavras possuem significados insuficientes até mesmo dentro de um mesmo grupo, de uma mesma categoria social.

Independente da região ou do grupo social que cada indivíduo se insere, há entendimentos diferentes no que diz respeito ao uso de determinadas expressões. Alguns indivíduos ou grupos podem se aproximar de outros, como podem também se opor. A questão não é associar a imprecisão no uso da linguagem à mentira, mas mostrar que nossos domínios lingüísticos orientadores, quando não efetivamente esclarecidos, podem causar injustiças. Essa problemática orienta toda a discussão que se segue.

2. CONTEXTUALIZANDO A QUESTÃO

2.1 O ser humano na linguagem

*“A inquietude não deve ser negada, mas
remetida para novos horizontes e se tornar
nosso próprio horizonte.”*
(E. Morin)

Palavras, mesmo quando não ditas, são pensadas. O cérebro humano trabalha constantemente nesse sentido: pensar, organizar e compartilhar pensamentos, somente mediante o uso de linguagem, e em especial com palavras. Nem sempre pensamos suficientemente bem para expor bem, com palavras, nossas idéias. Alguns fazem bom uso das palavras e, melhor ainda, utilizam essa forma de linguagem numa eficiente comunicação. Mas na maioria das vezes, temos dificuldade em pelo menos uma dessas etapas. Talvez pensemos com palavras erradas. Talvez a dificuldade esteja em não conseguir se comunicar suficientemente bem com palavras que poderiam ser mais adequadas.

Após milhões de anos de evolução nos deparamos com uma sociedade muito comunicativa, mas que pouco se compreende, ou compreende pouco o significado ambiental de poder se comunicar de forma tão elaborada, tão sofisticada. O humano se tornou distinto dos demais animais principalmente devido a esta (suposta) capacidade que tem de se comunicar claramente pela linguagem das palavras. Mas a linguagem que se revela com maior potencial para comunicar também é a linguagem que, dada a sofisticação, e o atrativo dos sofisticos significados pretendidos, mais propicia incongruências na comunicação.

Ao longo da história, o homem foi capaz de encontrar formas de associar sons e gestos a certos objetos e ações. Assim, segundo Diaz Bordenave (1986), nasceram os signos: “qualquer coisa que faz referência a outra coisa ou idéia...”. Os outros animais também possuem formas de se comunicar. Algumas mais eficientes que outras. Esses animais possuem signos e formas de emitir e receber informações, mas estes signos em maioria permanecem os mesmos desde a emergência da espécie. O cachorro de Julio César, no antigo Egito, latia da mesma forma e nas mesmas circunstâncias em que latem os cães de hoje. Estes mesmo cachorros de antigamente e de hoje rosnam quando não gostam

de alguém, e se agitam e agitam ainda mais a cauda quando gostam. Animais não humanos se comunicam por vários motivos, mas de forma quase sempre muito precisa. Já os seres humanos apresentam muitos tipos de linguagem, nem sempre suficientemente claras, mesmo que com boas intenções.

Darwin nos mostrou que não fomos criados a partir de mecanismos fundamentalmente distintos daqueles que criaram os outros animais, mas nos tornamos diferentes deles com o passar do tempo, o que mais tarde *foi comprovado* pela paleontologia e a anatomia comparada. Somos animais, mas capazes de criar o diferente, de buscar conhecimento e de nos interessar por coisas distintas como nenhum outro animal parece poder fazer. Somos capazes, a partir de nossa elaborada linguagem, de aprender soluções novas para problemas antigos, e criar novos problemas. A linguagem elaborada desempenha papel fundamental nesta distinta capacidade de evoluir biológica e socialmente.

Sendo os chimpanzés animais genética e morfologicamente tão semelhantes aos seres humanos, por que apenas nós somos capazes de formar palavras, sentenças e atribuir tanta complexidade na comunicação? O cérebro grande pode ser uma condição necessária. Mas o humano *Neardental* possuía cérebro igual ou até maior daquele do humano *sapiens*...

De qualquer forma, o nosso cérebro é quatro vezes maior do que aquele dos chimpanzés. E mesmo os chimpanzés sendo capazes de produzirem ferramentas de materiais diversos, de serem capazes de reconhecer espécies de plantas com propriedades medicinais, de reconhecerem chimpanzés individualmente, inclusive na relação mãe, filho e família, nós somos capazes de produzir ferramentas melhores, somos capazes de reconhecer uma diversidade maior de plantas e de animais e reconhecemos relações muito mais complexas. Também é preciso considerar que os chimpanzés e outros animais também são capazes de emitir sons com significado para outros e fazerem gestos com o intuito de se comunicar, mas não possuem a capacidade e a sofisticação da comunicação humana. Os chimpanzés se comunicam através de gestos e por emissão de sons (“gritos”) diferenciados para se referirem a algo importante para outros chimpanzés, como no caso da presença de predadores. Mas devido à referida limitação do trato vocal, são incapazes de pronunciar palavras. E dado o cérebro diminuto, são incapazes de elaborar idéias que envolvesse muitas palavras.

A estrutura do trato vocal limitou e limita, segundo Diamond (1997), o desenvolvimento da linguagem falada desses primatas. Ou

seja, a crescente complexidade na comunicação decorreu também de especificidades e mudanças na estrutura do trato vocal, que permitiu que pronunciássemos, não alguns poucos, mas dezenas de sons. Com isso chimpanzés se comunicam menos do que os humanos, mas isso não significa que entre os humanos que se comunicam sempre haja muito mais entendimento naquilo que é comunicado. Enfim, comunicação não é apenas emitir sons claros, mas coordenar com clareza os sons que se puder emitir, e coordenar significados para aquilo que é emitido.

Um animal que apresenta uma propriedade semelhante a uma daquelas presentes nos seres humanos, no que se refere à comunicação, são os papagaios. Estas aves possuem uma estrutura que lhes permite emitir *palavras*, mas a falta de capacidade intelectual os limita a serem repetidores de expressões, e as mais simples. A linguagem humana, única e tão sofisticada é, ao mesmo tempo e como apontam Diamond (1997) e Morin (1973), causa e produto de sua própria evolução.

A linguagem falada ou escrita, na forma como hoje utilizamos, passou ao longo da história por vários processos importantes. Para as épocas mais recentes, Foucault (1992) tratou da linguagem humana, mostrando que a forma como a pensamos hoje é produto de saberes acumulados de três épocas diferentes da história da humanidade: a Renascença (Séc. XVI), a Idade Clássica (Séc. XVII e XVIII) e a Modernidade (Séc. XIX e XX). Segundo aquele autor, esses acúmulos e avanços não ocorreram de forma linear. Houve uma ruptura epistemológica de uma época para outra, fazendo surgir novas ciências, distintas dos saberes das épocas anteriores. Essas rupturas podem ter desempenhado papel importante na aceitação crescente de uma linguagem crescentemente sofisticada, elaborada, invadida de significados importados e insuficientes, mas que o apelo do sofisma os eleva a condição de pretensamente importantes.

2.2 Distinguir significado é o primeiro passo

No uso das palavras observamos que algumas têm significado possível de se compreender muito bem, sem grandes esforços, principalmente quando o significado dessa palavra é apenas um. Outras possuem mais de um significado, e que precisa um mínimo de esforço de contextualização para usá-la adequadamente. Existem outras palavras que possuem significado simplesmente insuficiente, e que são muito usadas, sem cuidados, em diversos contextos. No uso dessas palavras se

deve redobrar a atenção não apenas para não sermos simplesmente confusos, mas principalmente para não dar sustentação a processos injustos de apropriação de oportunidades.

No uso de qualquer uma destas palavras de significado duvidoso ou insuficiente, é evidente, ou deveria ser evidente, a necessidade de se estar bem atento ao seu significado pretendido, e ainda mais a sua eventual insuficiência, pois são estas palavras que normalmente são decisivas em destacar mensagens a partir do pensar daqueles que se *comunicam* (falam!) mais. Dada a sofisticação da linguagem falada, a comunicação passa a depender mais da devida coordenação de significados do que é dito, do que coordenando palavras para falar. Certamente é o caso para a maioria dos pequenos agricultores, e muito possivelmente mesmo para estudantes universitários.

Com relação ao que já foi abordado até aqui, e ao que se impõe ou convém abordar, também convém distinguir bem o significado de definição e de conceito. Convém também apontar que o objeto de estudo está mais associado às possibilidades nos elásticos conceitos do que nas bem delimitadas definições. Isto, todavia, não significa que conceitos sejam mais relevantes do que definições, no exercício de entender e comunicar.

Segundo Alves et al. (2009),

“o conhecimento formal, aquele que é ensinado nas escolas na formação fundamental, ou nos colégios e universidades na formação profissional, é conhecimento baseado mais em definições bem delimitadas, e menos em saberes que valorizam as possibilidades nos elásticos conceitos. Conhecimento que privilegia a definição em detrimento do conceito é aquele que prefere a informação objetiva. É conhecimento que prefere a descrição, que é referência mais objetiva, à interpretação, que é quase sempre bastante subjetiva.” (ALVES et al., 2009, p.35)

Ainda segundo aqueles autores,

“definições distinguem naturezas de objetos. Conceitos distinguem significados atribuídos a objetos de quaisquer naturezas. Pode-se definir computador como máquina para rápido processamento de informações. Pode-se conceituar computador como maravilhoso avanço da tecnologia da informação. Definição associa

objetos à determinada categoria de objetos. Conceito classifica dentro da mesma categoria. Definição é referência à forma ou modo de ser do objeto de interesse. Conceito é uma forma de fazer referências interessadas no objeto. Exemplos: animal racional, psicológico, emotivo, político. São conceitos que definem um ser vivo na categoria de humano; homem rude: conceitua, classifica um ser humano entre os animais definíveis como humanos. Primata humano define ser vivo de uma categoria (gênero Homo). *Muito humano* é conceito. Isto porque o antropocentrismo implícito nesta expressão considera a condição humana como especial, para além da condição animal dos primatas. Definição é produto de impressão construída principalmente a partir do que emana do objeto de interesse. Conceito é construção que emana mais do interesse projetado no objeto.” (ALVES et al., 2009, p.35).

ALVES et al. (2009) concluem que

“a definição fortalece o saber objetivo. Já o conceito valoriza a subjetividade que nos move a querer saber. Normalmente somos mais claros no exercício de nossas definições. Mas somos mais criativos, mais incertos, mais interessantes e mais conforme conosco mesmo na expressão de nossos conceitos. Orientar-se pela definição é caminhar em corredor seguro, que leva ao destino sem surpreender. Orientar-se a partir de conceitos é mais como subir escadas ainda em construção... Escadas quase sempre mais largas do que altas, e das quais alcançamos somente um dos corrimãos – e muitas das vezes nenhum.” (ALVES et al., 2009, p.37)

Em pesquisa e desenvolvimento, preferir sempre a segurança da definição é como negar a afirmação do gênio que disse ser a *ciência um jogo arriscado*. Preferir sempre a plasticidade e indefinição do conceito seria imaginar que sejam sempre boas as surpresas a partir daquilo que venhamos a compreender melhor. De um lado a ingenuidade de se pensar que se poderia construir mundo ainda mais interessante sem surpreender. De outro lado, a ingenuidade de pensar que não existe mundo para além daquele que se consegue ver.

Problema comum é decorrente de tratarmos conceitos como definições e definições como conceitos, e assim criamos confusão na comunicação, especialmente quando confundimos a forma que vemos como verdades que outros deveriam reconhecer.

Também relevante é distinguir comunicação de linguagem - afinal, estamos tratando do uso da linguagem na comunicação. Uso de linguagem é conduta com o intuito de se comunicar e é algo que realizamos desde o momento em que nascemos ou que acordamos pela manhã. Todo comportamento nos leva a comunicação. Um choro, um bom dia, uma leitura de jornal, a decodificação do ônibus para chegar no trabalho, em toda ação comunicamos. Segundo Diaz Bordenave (1986) a comunicação apresenta alguns elementos básicos: os interlocutores, a mensagem, os signos que utilizam, os meios que empregam para transmiti-lo, a realidade ou situação onde ela se realiza e sobre a qual tem efeito transformador. Além disso, o autor ainda faz algumas considerações sobre a função da comunicação.

“Uma das funções da comunicação é indicar a qualidade da nossa participação no momento da comunicação: que papéis tomamos e impomos aos outros, que desejos, sentimentos, atitudes, juízos e expectativas trazemos ao ato de comunicar. A comunicação também deve fazer com que o que se está dizendo coincida com a forma com que se diz e com o contexto social em que se fala.” (DIAZ BORDENAVE, 1986, p.47)

Já a linguagem é o instrumento utilizado para se comunicar, ou como se refere Maturana (2005), é um sistema simbólico para a comunicação num fluir de coordenações consensuais de ações. Dessa forma pode-se dizer que não há nada fora da linguagem. Segundo D’Agostini (2004, p.44)

“A linguagem, em seu sentido mais profundo, não pode ser reduzida à construção do falar, do escrever ou do chorar. A linguagem é, pois, toda a manifestação de orientação do ser que pode evoluir; é instrumento da vida a partir do qual as possibilidades a sua sustentação se investem de significação.”

Para simplificar, podemos dizer que a linguagem se insere na comunicação, pois a linguagem é um instrumento que conduzimos por ações para participar de alguma mensagem com o outro.

Outra importante diferenciação é com relação à tradução e com o entendimento. Quando escutamos, observamos ou lemos uma mensagem procuramos entendê-la. Entendimento é algo próprio do indivíduo, tem que ser feito com habilidade para conceituar e apontar esses conceitos pela sua experiência (Lakoff, 1987). Tradução é simplesmente a conversão de uma língua para outra e pode ocorrer sem entendimento. Este é um importante risco na tradução. Quando nos é passada uma mensagem, procuramos entendê-la, e não traduzi-la. O observador ou a pessoa com a qual se estabelece comunicação interpreta a mensagem, torna-a própria para sua compreensão. Segundo Diaz Bordenave (1986), a interpretação exige que se coloque a mensagem em um contexto, que se compare com outros elementos de repertório e com o conhecimento que se tem da intenção do interlocutor. A interpretação é, portanto, muito própria da *abstração* humana. A forma como se dá a interpretação depende dos significados para as pessoas que recebem a mensagem, e não para quem a emite.

2.3 A natureza comunicativa do ser humano

Durante a evolução da espécie humana desenvolvemos órgãos capazes de reproduzir signos, órgãos capazes de interceptá-los e órgãos capazes de interpretá-los. A boca combina sons, os ouvidos captam e os distingue. Expressões, olhos e gestos se ajustam nesta referência. É a tentativa de se coordenar sinais e significados na busca de se expressar e de entender. O cérebro, por sua vez, tem a função de interpretar, de atribuir significados. De unir imagens ou idéias já formadas a essas novas, na busca de correspondência. Como diz Diaz Bordenave (1986), ao invés de guardar na memória o significado de mil palavras para mil árvores diferentes, teria apenas que guardar o conceito de árvore e seu signo correspondente. Isto também serve para coisas abstratas. Formamos imagem daquilo que idealizamos. Temos para nós a imagem de personagens de lendas folclóricas e até de Deuses. Somos nós que criamos e formamos os signos. Sendo assim, não há limites para a utilização dos signos pelo ser humano. Mas não significa que possamos criar significados suficientes para uma boa comunicação somente porque pressupomos que esses significados já seriam existentes. Há que se ter cuidado, portanto.

“A mais humana das características, exprimindo a superioridade funcional do cérebro do homem

sobre o dos animais, capaz de expressar seus sentimentos mais profundos e seus pensamentos mais complexos, a linguagem pode levar os homens a comunhão no amor e na amizade, mas também pode ser utilizada para ocultar, enganar, separar, dominar e destruir.” (DIAZ BORDENAVE, 1986, p.76)

Também e talvez especialmente a partir da linguagem, nos tornamos grandes inventores. É através da linguagem que fomos evoluindo numa escala de complexidade, com acumulação de criações, no compartilhamento de idéias, nos superando a cada nova descoberta. Inventamos e coletivamente melhoramos ferramentas, máquinas e produtos eletrônicos. Inventamos maneiras de nos satisfazer, de superar crises e de defender nossos interesses. Dessa forma somos capazes de criar expressões que apropriadamente ou inapropriadamente incorporaram diferentes significados para todos os contextos.

Lakoff (1987) faz referência à questão da categorização e de como esse conceito é importante para entendermos como os seres humanos pensam e operam independentemente de suas peculiaridades. A categorização não é problema para o ser humano, considerando que temos categorias para tudo o que pensamos. A maioria dessa categorização é automática e inconsciente. Este mesmo autor ressalta que se quisermos mudar o conceito das categorias, temos que mudar não apenas nosso conceito de pensamento, mas nosso entendimento de mundo. Isto acontece porque para algumas coisas já temos um conceito formado. Quando falamos de algo que acontece no prazo de um ano, temos a idéia de que esse prazo é de doze meses ou 365 dias, o que pode ser muito ou pouco tempo dependendo do ocorrido. Claro que o ano não existe na natureza. Foi um modelo idealizado por seres humanos, sendo que nem todas as culturas adotam esse modelo, mas todos entendem que é uma medida de tempo.

Há também expressões que julgamos bem definidas, mas que na verdade são muito ou demais conceituadas. Isto ocorre porque não temos um entendimento único sobre as coisas. Mãe é uma expressão que possui muitos conceitos. Não é apenas a mulher que deu à luz uma criança. Pode ser aquela que contribuiu com o material genético, pode ser a que cria a partir do nascimento da criança, pode ser a mulher que dá educação e carinho, enfim, existem vários conceitos para mãe. Por isso temos que ser mais precisos quando nos referimos a alguma expressão que possa gerar confusão. Talvez devêssemos nos referir à mãe biológica, à mãe adotiva, à mãe doadora, à mãe de criação.

O fato das palavras apresentarem mais de um conceito, não quer dizer que seja ruim, mesmo porque, como diz Diaz Bordenave (1986), é através da modificação de significados que a comunicação colabora na transformação das crenças, dos valores e dos comportamentos. Mas é como nos chama atenção D'Agostini (2007) sobre o fato das palavras terem muitos conceitos,

“... isso, contudo, não nos exime de responsabilidade pela qualidade da comunicação. Ou seja, somos responsáveis pela mensagem – pelo efeito que emerge de nossas informações: ao menos quando a mensagem resultar inadequada devido à imprecisão dessas informações.”
(D'AGOSTINI, 2007, p. 33)

O problema na comunicação está mais comumente no fato de não sermos suficientemente claros, em diferenciar suficientemente os significados que atribuímos. Nossos conceitos derivam da forma como percebemos o mundo, do nosso domínio de experiências, nos movendo num mundo que criamos, criando novos interesses e fazendo novas perguntas. E isso é diferente em cada e para cada ser humano. Mas para evoluirmos para melhor precisamos também de coerência, não somente de variedade.

As emoções, normalmente mais fortes do que a razão, costumamos não apenas tratá-las como subjetividade, mas demais subjetivamente. Quando falamos sobre algo que relativamente dominamos, e por isso temos mais argumentos para defender nossas idéias, comumente somos muito mais objetivos do que relativistas demais. Optar pela maior objetividade, contudo, não significa negar relevância à subjetividade. Apenas é mais consequente quando se trata com o máximo de objetividade a subjetividade que objetivamente nos move.

Usamos muitos significados alternativos para conceituar a raiva, a saudade, o amor. Ainda por nossas experiências serem diferentes, conceituamos as emoções de maneiras diferentes, relativo ao que vivemos. Não sabemos explicar ao certo, mas procuramos situar a pessoa que nos ouve relacionando o que dizemos a algo que a faça compreender. É a busca da precisão na comunicação. Uma linguagem mais precisa pode levar a uma comunicação com maior fidelidade nos significados que nos movem. Precisão não é o mesmo que exatidão. Os seres humanos não precisam ser de todo exatos no que dizem, mas precisam (ou deveriam se esforçar para) serem precisos no seu operar

comunicativo. Há que se tomar cuidado quando utilizamos algumas expressões, se quisermos ser compreendidos.

2.4 Ontologia, Epistemologia e Comunicação

Através da comunicação as pessoas compartilham experiências, idéias e sentimentos. Quem fala e quem escuta formula imagens na mente e também as manipula. Não vemos, não ouvimos, não apreciamos necessariamente as mesmas coisas. Talvez não exista diferença entre o verde claro e o azul piscina. As mesmas cores podem ser igual para muitos homens, como podem ser completamente diferentes para muitas mulheres. Cada pessoa tem uma visão de mundo diferente, o que nos leva a interpretar o mundo de forma diferente.

Os animais também apresentam *visões de mundo* diferentes. Baleias e gaviões percebem o mundo de maneiras distintas, por evoluírem e viverem em meios diferentes. Como diria Alves (1981), suas “teorias” e “evidências” são incomensuráveis.

O ser humano é orientado por uma forma de ver e por uma forma de entender o mundo. A primeira constitui sua ontologia, e a segunda diz respeito a sua epistemologia.

Em Filosofia da Ciência, Alves (1981) diz que “nossos próprios sentidos se subordinam à linguagem, de forma que mesmo o ato de ver e o de perceber são condicionados pelas expectativas que em nós os hábitos lingüísticos e as convicções teóricas criaram.”

A ontologia diz respeito ao tipo de ser humano que somos. É o estudo do ser ou de sua existência. Tornamo-nos parte daquilo que estamos observando e, conseqüentemente, somos parte da explicação que damos. O meio tem grande influência sobre o ser. No caso dos seres humanos, entendemos as coisas como entendemos, porque nos adaptamos no meio. Ocorreram ao longo da história mudanças estruturais nos seres humanos em harmonia com as mudanças do meio, havendo uma influência mútua e um processo adaptativo. Segundo Maturana (2001), a ontogenia de um ser vivo ocorre pelas mudanças estruturais contingentes com sua interação com o meio. Assim também ocorre o inverso: “o meio muda de maneira contingente com as interações com o organismo”. O ser humano, enquanto observador, faz referência a partir da sua organização estrutural, que corresponde ao meio e direciona seu olhar de acordo com essa interação. O autor chama essas transformações, a partir da interação, de “fenótipo ontogênico”.

Características que surgiram pela interação e se adaptaram, permanecem, outras desaparecem. Esta é a evolução, fazendo surgir novas linhagens, outro “fenótipo ontogênico”.

A ontologia esclarece porque cada pessoa explica por determinado conceito. É porque há domínios de interesse diferentes. Há domínios também que podem ser compartilhados e assim pessoas podem concordar sobre determinando assunto, assim como podem também mudar seu entendimento a qualquer momento sobre qualquer coisa. Isto acontece porque sofremos grande interferência do meio que vivemos, do que vemos, do que ouvimos e com quem convivemos.

A epistemologia é o modo como pensamos e explicamos as coisas. Ou seja, a epistemologia trata da forma como explicamos o mundo. É a teoria do conhecimento. Investiga-se como o conhecimento é adquirido e mantido. Somos observadores, somos seres que nos produzimos na linguagem e é através dela que explicamos as coisas e que entendemos o que nos são informadas.

Prigogine e Stengers (1997) em A Nova Aliança tratam também disso, da epistemologia mesmo sem ou raramente referir este termo. O homem no mundo em que ele mesmo descreve. Dos conceitos clássicos da ciência que procuravam responder situações estáveis à transformação. A ciência atual está preocupada com a evolução, com as diversidades, com as crises, com as instabilidades, com as mutações, com as perturbações geológicas, com tudo o que afeta os comportamentos sociais. É um olhar lançado para as experiências, para um novo conhecer.

Conhecer implica buscar *verdade*. A *verdade* para aquele momento. A verdade existe da relação entre o discurso e o objeto sobre o que se fala. Essa verdade existe para quem fala e não necessariamente é compartilhada por quem a escuta. Epistemologia é saber que conhecemos, como conhecemos e que temos capacidade para conhecer. Maturana (2005) nos diz que “o fato de sermos seres humanos, humanos na linguagem, o somos fazendo reflexões sobre o que nos acontece.”

O motivo pelo qual falamos e entendemos de maneiras diferentes é porque realmente existem muitos “explicares” diferentes, assim como existem maneiras diferentes de se entender. Segundo Maturana (2001), o caráter do que é comunicado depende de quem escuta e não de quem fala. Cada um é responsável por aquilo que escuta. Mas isso não isenta a responsabilidade do que se diz.

O fato de nosso entendimento depender também de nossa epistemologia é porque acreditamos em algo. Mas não é simplesmente criar conceitos e tê-los como o real, mas termos, a partir da ciência,

fundamentos para explicar. Ou porque nos satisfazem como explicação, pelo menos para aquele momento. É como alguém explicar um tratamento usando Florais de Bach. A ciência tradicional ainda não comprovou sua eficácia, mas muitas pessoas acreditam e *verificam* que o uso destes florais pode evitar muitos males. Outras pessoas preferem utilizar a alopatia por acreditar mais no que a ciência tradicional pode provar. Acreditar que a lua possa influenciar na maré, ajudando ou prejudicando o pescador, é algo que pode satisfazer a explicação de uma pescaria bem ou mal sucedida. Ou seja, o que nos faz aceitar uma explicação é epistemologicamente condizente com a ciência ou com nossas crenças.

A questão é que devemos considerar que para aceitarmos ou negarmos uma explicação devemos estar atentos em qual contexto as expressões estão sendo usadas. E mesmo assim é importante que as expressões venham acompanhadas com os sentidos que queremos dar a elas para evitarmos confusão no entendimento. Por exemplo, quando falamos de “alimento orgânico”. Essa expressão é freqüentemente utilizada para fazer referência a um alimento produzido sem insumos que possam afetar de forma negativa a saúde humana, o solo, a água... Mas se pararmos para refletir sobre tal expressão, não caberia essa denominação, já que todo alimento produzido em sistemas de cultivo, independente da forma como é produzido, é orgânico. Todo organismo vivo tem em sua estrutura, evidentemente, compostos orgânicos que faz parte da sua constituição. Por isso o significado mais claro para orgânico nada tem com a forma de produzir, mas sim com o que é produzido.

Contudo, cabe reforçar o que Maturana (2001) diz:

“Nós seres humanos vivemos um mundo de explicações e descrições, na linguagem, de nossas experiências ao lhe darmos origem na linguagem... Uma vez que as explicações são reformulações de experiências... vivemos diferentes mundos ao lhe darmos origem na nossa práxis de viver diferentes coerências operacionais, ao adotarmos diferentes sistemas de explicações em nosso viver. Esta não é uma afirmação vazia, porque a linguagem é constituída como um domínio de coordenações consensuais de ações... e se dois observadores aceitam explicações diferentes, eles vivem áreas diferentes de coerências operacionais em seus domínios de experiências.” (MATURANA, 2001, p. 157)

Mas também é verdade que somos seres naturais, ainda subordinados aos princípios mais fundamentais, como aqueles que orientam a evolução biológica: o mais adaptado é beneficiado, independentemente se esta adaptação ocorre no esclarecimento ou na confusão.

2. 5 O erro: causa e consequência

Como diz Diaz Bordenave (1986), “a comunicação seria impossível sem a significação, isto é, a produção social de sentido”. Isto porque a tudo o que nos é dito e para tudo que dizemos formamos imagens na mente, involuntariamente. Representamos no que conhecemos, no que temos como experiência ou da forma que entendemos. A verdade é que isso nos sujeita ao erro. Cada um com a sua verdade. Segundo Morin (1996), “a idéia - que nos é necessária para traduzir a realidade do mundo externo, isto é, comunicar-se com o mundo externo – é, ao mesmo tempo, o que nos induz a enganarmo-nos acerca desse mundo externo”.

Nossas idéias são traduções do mundo, traduções do real. Assim como o jornalista interpreta um acontecimento para informar, nossas idéias também não são reflexos do real, mas sim interpretação do ocorrido. O mesmo autor ainda nos diz que “o fenômeno propriamente humano, no que diz respeito ao erro, está ligada ao aparecimento da linguagem, isto é, da palavra e da idéia”. Por utilizamos mal as palavras induzimos os indivíduos ao erro.

O erro deriva do fato de sermos grandes inventores e de uma boa vontade que cria um discurso que se sustenta com facilidade. Como nos diz D’Agostini (2004):

“Somos antes produto de possibilidades que se revelam na vida com linguagem, e só então construtores de uma rica linguagem que nos permite inventar novas expressões. A linguagem exclusivamente humana e sofisticada é, também ela, produto de sua própria evolução entre as possibilidades à superação de novas e renovadas necessidades. É frente às ameaças a nossa forma de viver, que procuramos novas possibilidades, que queremos poder “ler” a mensagem de novas construções da linguagem...” (D’AGOSTINI, 2004, p. 45)

Por sermos seres humanos que se produzem na linguagem, nos é permitido fazer distintas interpretações e mudarmos de opinião conforme for mais interessante para nós. Mudamos nossas teorias quando surgem novos fatos ou quando utilizamos outros instrumentos para observar. Como nos diz Alves (1981), *nós construímos as nossas evidências*. Por isso quando aderimos a um discurso, devemos observar se tudo que consideramos essencial e importante está sendo atendido, se é legítimo.

Para sermos claros no nosso discurso temos que observar o uso das expressões. Como estamos utilizando a palavra e se estamos sendo claros com o significado que estamos dando a ela. Afinal, sabemos diferenciar o que é justo do que é de direito? Sabemos adjetivar uma pessoa se ela é humilde ou modesta? Queremos ser solidários ou verdadeiramente generosos? Mal sabemos o que realmente cada uma dessas expressões significa, e mesmo assim as utilizamos. Nos vangloriamos por podermos ser solidários, como outros animais podem ser, em face da comum boa intenção de ajudar o próximo. Mas seria muito mais nobre se fôssemos suficientemente generosos.

Partimos de um momento da história em que não emitíamos nenhum som com claro sentido, até a formação das primeiras palavras. Hoje somos criadores de expressões que soam bem, principalmente criadas por aqueles que falam ou que podem mais. A linguagem que antes servia para apontar um recurso, um lugar, hoje se tornou um meio poderoso, perigoso.

A linguagem mais elaborada possibilitou desde as nossas invenções até a nossa sobrevivência ao longo de centenas de milhares de anos condicionada pela evolução. Nesse processo, o ser humano desenvolveu habilidades de criação que atendiam suas necessidades, ou simples utilidades, que vão desde utensílios de trabalho até o “aprimoramento do discurso” para induzir comportamento coordenado do outro, a partir de uma coordenação de suas condutas, gestos e sons.

Uma mãe, mediante o esforço de seu bebê chorar direito, isto é, coordenar sons de diferentes maneiras em diferentes situações, aprende a interpretar, a coordenar sons e significados na busca de se comunicar e assim agir da melhor maneira. Uma falha no choro do bebê, ou na interpretação por parte da mãe, pode comprometer o desenvolvimento do bebê. Ou seja, a clareza é fundamental em qualquer comunicação. Alves (1981) expõe com relação aos cientistas, mas que serve também para todos os âmbitos, no que diz respeito à clareza: “quem não diz com clareza, não está vendo com clareza. Dizer com clareza é a marca do entendimento, da compreensão”.

Saber simplesmente com qual significado é usada uma palavra em determinado contexto é função dos bons dicionários. Nós precisamos ser suficientemente claros em relação a significados em quaisquer contextos. Simplificar significados nos torna confusos pela ambigüidade que causamos e aceitamos, nos revela modestos demais em relação à competência para interpretar e diferenciar significados.

3. SEGUINDO UM CAMINHO: O MÉTODO

*“Caminante no hay camino, se hace camino
al andar.”*

(Antonio Machado)

Na presente pesquisa analisamos e interpretamos os significados atribuídos a quatro expressões comumente utilizadas em diferentes segmentos sociais, de forte relação também ou especialmente com a atividade no rural: *agricultura familiar*, *agroecologia*, *desenvolvimento sustentável* e *sustentabilidade*. Parte do estudo foi realizada junto a agricultores e técnicos na região do Alto Jequitinhonha – Nordeste de Minas Gerais – onde as comunidades possuem uma forma organizativa sólida e contam com o apoio de organizações e entidades existentes na região. Os técnicos entrevistados atuam através do Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica - CAV, em média há oito anos. Os agricultores envolvidos no estudo são assistidos há mais de cinco anos, e de forma contínua. Outra parte da pesquisa foi realizada junto a professores doutores da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, por ser na academia que encontramos pensadores e difusores de expressões e idéias. Outra categoria entrevistada foi a de estudantes em fase final do curso de agronomia, também da Universidade Federal de Santa Catarina, futuros profissionais que eventualmente atuarão diretamente no desenvolvimento rural. A escolha das duas diferentes regiões é justamente mostrar que os diferentes entendimentos não estão associados a região ou ao grupo pesquisado, mas sim à epistemologia/ontologia do indivíduo. Ou seja, independente da categoria social pesquisada, há compreensões distintas quanto ao significado de expressões que se supõe com único e claro significado, devido a orientação ontológica e a epistemológica de cada pessoa.

3.1 Áreas de estudo

3.1.1 Agricultores e técnicos do Alto Jequitinhonha - MG

O Vale do Jequitinhonha está localizado na Região Nordeste de Minas Gerais, Região Sudeste do Brasil (Figura 1). O rio Jequitinhonha se estende desde a Serra do Espinhaço até o litoral sul baiano,

percorrendo uma área extensa no nordeste mineiro e recebendo várias denominações regionais — dadas pelo IBGE, governo do estado ou população local (Ribeiro e Galizoni, 2003). O vale do Jequitinhonha começou a ser povoado desde as cabeceiras do rio, no início do Século XVIII, a partir da exploração do ouro de aluvião. Os colonos fundaram vilas ao longo dos riachos, de acordo com a ocorrência de minério. Estas povoações constituem o que geralmente é referido como Vale do Jequitinhonha: região de agricultura familiar, artesanato, ricas manifestações culturais, com forte migração, e estagnação econômica histórica (Ribeiro e Galizoni, 2000).

A região divide-se em Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha. No Alto Jequitinhonha, local da pesquisa, há predomínio de cerrado e é uma região marcada pela presença de uma agricultura familiar de migrações sazonais e definitivas, pois o dinamismo econômico da região é muito baixo.



Figura 1: Mapa de Minas Gerais: em destaque região do Vale do Jequitinhonha

Ao todo foram 10 técnicos envolvidos no presente estudo. Este envolvimento se deu pela aplicação de questionário semi-estruturado.¹ Dentre estes técnicos, quatro trabalham na instituição há mais de 10 anos, cinco trabalham no Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica - CAV há mais de cinco e menos de 10 anos, e apenas um técnico está há pouco mais de um ano. A formação dos técnicos não é necessariamente ligada à agricultura e curso superior da área de agrárias. Alguns têm o ensino fundamental incompleto, outros possuem curso superior em Pedagogia e Serviço Social. O CAV tem sua estrutura instalada no município de Turmalina e conta com 13 técnicos que se dividem em grupos de trabalho diferentes, mas transversais no que tange a diversidade presente nas áreas dos pequenos agricultores. Dos 10 entrevistados, dois trabalham com a parte administrativa e algumas atividades pontuais com agricultores (seminários, encontros), três técnicos são mais atuantes no grupo de Economia Popular Solidária², três trabalham com o Programa Um Milhão de Cisternas³, do Governo Federal, e dois dos entrevistados trabalham com Sistemas Agroflorestais - SAFs e programas com água e nascentes.

O Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica é uma organização não governamental sem fins lucrativos que surgiu em 1994, a partir da organização de agricultores vinculados ao Sindicato de Trabalhadores Rurais de Turmalina - MG.

“... a organização tem como objetivos apoiar os agricultores e agricultoras familiares do Vale do Jequitinhonha, principalmente do Alto Vale,

¹ Segundo Boni e Quaresma (2005) a utilização de questionário semi-estruturado permite combinar perguntas abertas e fechadas. Possibilita obter o maior número de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado. É permitido ao entrevistador dirigir a discussão para o assunto que o interessa, fazendo perguntas adicionais. Este tipo de técnica tem a vantagem da elasticidade quanto à duração das entrevistas, permitindo obter mais informações sobre o assunto. As autoras acreditam que “quanto menos estruturada a entrevista maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes.” Além disso, “as respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa.” Disponível em: http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf.

² Economia Popular Solidária – EPS são iniciativas populares de geração de trabalho e renda, baseadas na livre associação de trabalhadores e nos princípios de autogestão e cooperação. Na região há trabalhos com grupos apicultura, grupo de mulheres e feirantes.

³ Programa 1 Milhão de Cisternas – o objetivo do P1MC é beneficiar cerca de 5 milhões de pessoas em toda região semi-árida, com água potável para beber e cozinhar, através das cisternas de placas. Cada cisterna tem capacidade de armazenar 16 mil litros de água. Essa água é captada das chuvas, através de calhas instaladas nos telhados. (Disponível no Portal ASA Brasil – Articulação no Semi-Árido Brasileiro).

através de ações de conservação dos recursos naturais, produção agroecológica e comercialização de produtos para geração de renda. Busca ainda influenciar as políticas públicas, através da demonstração de experiências inovadoras, buscando o reconhecimento e propagação de tecnologias sustentáveis. Para isso tem suas ações divididas em quatro setores de trabalho: Sistemas Agroflorestais (SAFs); Água e Nascentes; Economia Popular Solidária; e Relações Sociais de Gênero.” (ASSIS E RIBEIRO, 2005)

Em entrevista, o coordenador em exercício do CAV lembra a questão das empresas reflorestadoras com eucalipto que chegaram na região na década de 70, inicialmente gerando emprego e desestimulando os agricultores a trabalharem com a roça. Neste sentido o trabalho do CAV...

“... veio ao longo do tempo resolvendo problemas (ocasionados por estas empresas reflorestadoras): na questão do SAF, na questão da água... tb na questão da Economia Solidária, que é outra bandeira que surgiu também nessa mesma época... se efetivou mais no final da década de 90, com a organização de grupos de agricultores: horticultores, canavieiros, apicultores e outros, pra se organizar mesmo, pra entender um pouco essa dinâmica de produção, de escoamento da produção de mercado local, de mercado regional e por aí a fora. E aí a gente começou a trabalhar com os grupos a parte e cada grupo foi tendo sua dinâmica, foi desenvolvendo um pouco...” (entrevista cedida no dia 26 de janeiro de 2009)

Dependendo do projeto em que a instituição atua, os municípios atendidos pelos referidos técnicos são das regiões do Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha.

A escolha da região para realização do estudo ocorreu pelas relações pessoais da pesquisadora com a entidade citada, especialmente devido a trabalhos já realizados em parceria e por conhecer a relação de trabalho dos técnicos com os agricultores familiares locais. Foi considerado que seria de grande importância que os técnicos tivessem uma relação sólida com os agricultores e que as atividades desenvolvidas pela entidade conseguissem aglutinar os agricultores. Da

mesma forma, os agricultores indicados pelos técnicos, em número maior do que o de entrevistados, foram selecionados a partir de alguns aspectos, a saber: o deslocamento que seria feito para a entrevista; a disponibilidade dos agricultores em participar; a relevância em considerar a questão de gênero; e, não menos importante, a participação contínua desses agricultores nas atividades desenvolvidas pela entidade (em torno de 13 anos). Todos estes aspectos são relevantes para delimitar a categoria, ou seja, a intenção foi poder inferir se o entendimento dos 14 agricultores entrevistados, a respeito das expressões em questão, eram as mesmas no entendimento de técnicos.

Dada a estreita e duradoura relação entre técnicos e agricultores, a qual se supõe constituir influência relevante para um entendimento semelhante entre técnicos e agricultores, é razoável se pensar que o entendimento do significado destas palavras é bastante semelhante para ambas as categorias. Pelo menos mais semelhantes do que seriam esses entendimentos e aqueles existentes entre professores e estudantes na universidade. Supunha-se, também, que professores e estudantes tivessem entendimentos entre si semelhantes em face da relação de convívio e ensino/aprendizagem, quando esses entendimentos se referissem ao significado das expressões em pauta. Contudo, fazendo uma analogia com o que Freire (1983) diz, pode-se dizer que agricultores e estudantes não seriam apenas repetidores do modo de pensar de técnicos ou de professores. Mas que são capazes de pensar criticamente sobre as expressões, a partir de sua ontologia e epistemologia, mesmo que suas manifestações de entendimento se aproximassem dos entendimentos a eles manifestados.

3.1.2 Docentes e discentes de agronomia da Universidade Federal de Santa Catarina

A Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, mais precisamente o Centro de Ciências Agrárias, foi local da pesquisa para obtermos informações sobre o entendimento de pesquisadores (oito docentes e nove discentes entrevistados) que estão voltados para o desenvolvimento rural.

Resumindo: a questão era saber se estes pesquisadores que através da pesquisa e da extensão atuam no campo, com um diálogo acadêmico, estabeleceriam de fato um diálogo claro quando utilizam expressões de amplos significados. Mais precisamente, saber se as categorias entrevistadas possuem o mesmo entendimento para as quatro expressões selecionadas para a pesquisa.

Supõe-se que diferentes entendimentos sobre as mesmas expressões não se apresentam apenas num determinado contexto. Tampouco está presente em um grupo específico de pessoas. Por isso se optou por realizar as entrevistas em duas regiões diferentes, e com quatro categorias. A proposta foi de avaliar qual a aproximação ou afastamento do entendimento em relação às expressões comumente utilizadas em diversos contextos pelas categorias. Um fator importante a considerar foi o grau de escolaridade: alguns docentes com doutorado, outros com pós-doutorado e estudantes em fase final do curso de agronomia com passagem por estágios, participações em congressos e seminários e outros complementos de formação. Esses aspectos são relevantes para avaliar a possibilidade de que um maior grau de instrução, quando acompanhado de insuficiente cuidado na comunicação, pode até mesmo contribuir para gerar maior confusão conceitual.

3.2 Desenvolvimento da pesquisa

Assumindo como razoável a possibilidade de existência de distanciamentos significantes para os significados das expressões *agricultura familiar*, *agroecologia*, *desenvolvimento sustentável* e *sustentabilidade* quando estes significados expressam o entendimento de membros de diferentes categorias sociais, esses distanciamentos foram caracterizados a partir de procedimentos que possibilitassem associar conceituações em diferentes visões ontológica e epistemologicamente caracterizáveis. Ou seja, em relação a expressões comuns na linguagem falada e escrita na orientação do desenvolvimento rural, a intenção foi apontar quali e *quantitativamente* quão distantes se encontram significados a elas atribuídos por pessoas de mesma categoria e entre diferentes categorias.

A escolha das expressões se deu em função de uma listagem de expressões associadas ao rural. Estas são expressões de utilização recente e de fácil apropriação, devido a sua insuficiência de significados. A opção por estudar quatro expressões, está relacionada ao aprofundamento que poderia se ter nas discussões sem se tornar prolixo nos apontamentos dos entendimentos.

Na forma que sugere a Figura 2, o perfil epistemológico e ontológico de cada entendimento ou significado atribuído pode ser enquadrado segundo proposição contida em Wals e Bawden (2000).

Wals e Bawden (2000) caracterizaram o entendimento sobre o significado de sustentabilidade a partir de diferentes e possíveis perfis ontológica e epistemologicamente orientados. A cada um dos quatro quadrantes corresponde um perfil de entendimentos.

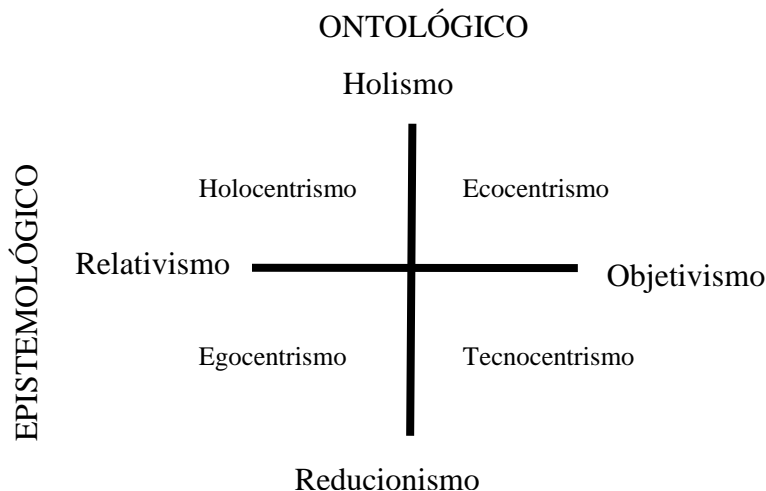


Figura 2: Atribuições de perfis ontológicos e epistemológicos.

No estudo realizado por Wals e Bawden (2000), a expressão sustentabilidade se enquadrou nas quatro *visões de mundo* da forma descrita abaixo:

Para a *visão de mundo* egocêntrica, os autores categorizam

“... mais práticas sustentáveis de produção de alimentos estão centradas na satisfação das necessidades e vontades individuais e a constituição de melhorias fundamentada na consciência pessoal e moral. Está ligada as interpretações individuais do que constitui uma melhoria nas perspectivas da utilidade moral e pessoal. É possível agregar esta visão individualista para as comunidade, sociedades, de fato para toda a raça humana, sem perda do reduccionismo essencial ou o relativismo dessa perspectiva.”

A *visão de mundo* tecnocêntrica para sustentabilidade na concepção dos autores está em dar ênfase ao conhecimento nas

características de plantas e animais no qual é possível manipular afim de se obter melhor potencial de produção, “bem como dos elementos bióticos e abióticos que podem influenciar o potencial de produção.” Além disso, os autores consideram que

“Sustentabilidade torna-se então uma função da capacidade dos cientistas de continuar a procurar mais e mais a verdade científica sobre a natureza da natureza, e sobre como essa verdade pode ser usado por técnicos, para planejar intervenções que continuam a aumentar os rendimentos das culturas, pastagens e explorações pecuárias em um planeta extraordinariamente diversificado.”

Na visão ecocêntrica ressalta para os autores...

“... a congruência entre emergentes ecologistas e economistas na busca de manifestações objetivas do valor intrínseco da natureza, além das nações utilitárias da natureza como um recurso para uso humano. A busca por melhorias nos sistemas de produção sustentável de alimentos a partir desta perspectiva, enfoca a busca de métodos objetivos de aumentar a produtividade de sistemas (com dinheiro ou energia como moeda), sem ameaçar a sua integridade.”

Ainda para os autores a visão holocêntrica para sustentabilidade...

“apresenta o desafio que o discurso sobre o desenvolvimento de uma abordagem seja holística quanto ao objetivo e processo, reconhecendo a importância da comunicação distorcida, relações assimétricas de poder, e várias perspectivas sobre o que constitui realmente o ‘melhor’.”

O estudo desses autores teve a intenção de abordar aspectos ontológicos e epistemológicos que orientam entendimentos de *sustentabilidade*, por ser cada vez maior a reflexão na forma como as instituições de ensino superior em todo o mundo têm dado prioridade ao ensino, pesquisa e práticas de *sustentabilidade*. Nas palavras dos autores, “... um conceito que oferece um foco para construção de pontes, entre diferentes disciplinas e entre divergentes interesses e valores” (Wals e Bawden, 2000).

Wals e Bawden (2000) consideram que para a expressão sustentabilidade tem muitos significados e interpretações. Eles também

asseveram que “quando alguma coisa quer dizer muitas coisas, no final não quer dizer nada”. Está claro para eles que a discussão de integrar sustentabilidade na educação necessitará incluir uma reflexão crítica tanto em relação ao significado de sustentabilidade e quanto ao significado de educação. Para isso foi necessário criar uma metodologia em que se pudesse visualizar o significado referido para a expressão, considerando as bases ontológicas e epistemológicas. “Cada respectiva visão pode ser percebida como um conjunto de representação particular de pressupostos sobre a natureza da natureza (ontologia) e como essa natureza é conhecida (epistemologia)” (Wals e Bawden, 2000).

Assim, num esforço de tentar transferir, no modo de pensar, significados que Wals e Bawden (2000) enquadraram, caracterizou-se o que seria o entendimento tecnocêntrico,, ecocêntrico, holocêntrico egocêntrico para *Agricultura Familiar, Agroecologia, Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade*.

Para tanto as diferenças de domínio nos focos corresponderam os quadrantes dos espaços de fase, caracterizando quatro visões: tecnocêntrica, ecocêntrica, holocêntrica e egocêntrica. Os significados atribuídos foram comparados a significados característicos, anteriormente caracterizados pela autora deste estudo, a partir do entendimento de autores considerados referência nas expressões estudadas. Posteriormente foram interpretados e sintetizados nos significados descritos a seguir:

AGRICULTURA FAMILIAR

Tecnocêntrica: agricultura familiar é aquela desenvolvida em pequena escala (de produção ou de fluxo de caixa), envolvendo mão-de-obra da família e, eventualmente, em proporção menor, contratada.

Ecocêntrica: agricultura familiar é aquela atividade de baixa produção de entropia, como é a agricultura camponesa.

Holocêntrica: agricultura familiar é aquela que tem o núcleo familiar e os valores culturais como forças orientadoras da atividade no rural.

Egocêntrica: agricultura familiar é aquela desenvolvida envolvendo mão-de-obra da família e eventualmente contratada em menor proporção, mas que pode produzir em larga escala no que diz respeito ao fluxo de caixa.

AGROECOLOGIA

Tecnocêntrica: agroecologia é agricultura especialmente atenta a redução de riscos ecológicos implicados na produção.

Ecocêntrica: Agroecologia é ciência que visa a se poder produzir sem reduzir o potencial de produção, baseada no princípio da conservação (nada se cria e nada se perde, tudo se transforma).

Holocêntrica: agroecologia é filosofia orientadora de uma ciência para se produzir produtos agrícolas, baseada em valores que situam o ser humano e suas ações respectivamente como parte e como manifestação de parte da natureza mobilizada para nossa sustentação.

Egocêntrica: agroecologia refere-se a uma opção por um modo de produzir, visando a boa qualidade de produtos alimentares, promovendo saúde e a conservação de meios de produção.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Tecnocêntrico: desenvolvimento sustentável é garantir continuidade indefinida a ações necessárias e promovidas para satisfazer necessidades humanas.

Ecocêntrica: desenvolvimento sustentável é estado desejável e promovido para satisfazer necessidades humanas, sem promover a redução do potencial produtivo naturalmente existente.

Holocêntrica: desenvolvimento sustentável é o modelo de desenvolvimento que concilia a preservação ambiental e desenvolvimento tecnológico necessário para por fim à pobreza no mundo.

Egocêntrica: desenvolvimento sustentável é promover condições que possibilitam ao ator social desempenhar eficazmente sua missão.

SUSTENTABILIDADE

Tecnocêntrico: é saber produzir melhor na medida em que se compreenda mais e melhor o comportamento dos fatores de produção.

Ecocêntrico: Produzir sem degradar.

Holocêntrico: Sustentabilidade refere-se a prouzir de forma a satisfazer valores morais, a ética e os critérios (dimensões) orientadores de uma sociedade justa.

Egocêntrico: promover processos de produção centrada na satisfação das necessidades e desejos dos indivíduos.

Todo e qualquer significado atribuído é, necessariamente, enquadrável em um dos seguintes quadrantes: ecocentrismo, egocentrismo, holocentrismo, ou tecnocentrismo. Nesta categorização não há qualquer julgamento de valor. Ou seja, não existiria, no âmbito de nosso estudo, significado melhor ou pior, certo ou errado. O objetivo é tão somente possibilitar inferir em qual quadrante cada significado atribuído está, e em quanto podem diferir esses mesmos significados, quando atribuídos por elementos de diferentes categorias sociais.

Complementar ao quadro criado por Wals e Bawden, em cada quadrante do espaço de fases foram demarcadas quatro quadrados (Figura 3). Ou seja, cada visão (tecnocêntrica, ecocêntrica, holocêntrica e egocêntrica) foi caracterizada a partir de quatro níveis de intensidade para cada tendência da ontologia (reducionista ou holista) e da epistemologia (relativismo ou objetivismo) que orienta o entendimento manifestado/interpretado.

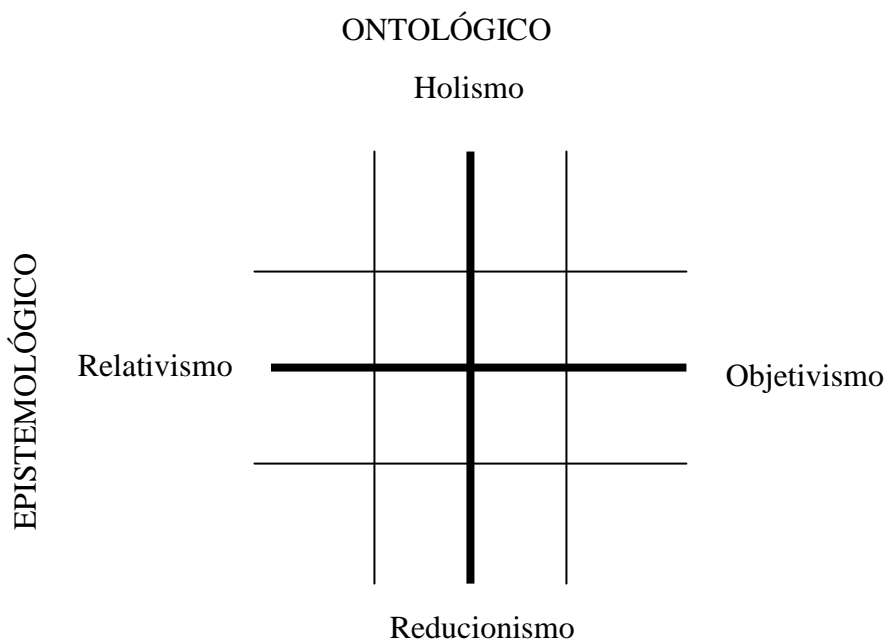


Figura 3: Níveis de intensidade orientadores do entendimento.

A partir dos entendimentos enquadrados em cada um dos 16 quadrados foi caracterizado o grau de aproximação/afastamento entre

entendimentos já qualitativamente reconhecidos. Ou seja, a partir de tendências conceituais foi avaliado, com aproximação nos limites do possível, quão próximo ou distante estão os entendimentos supostamente orientadores de processos de desenvolvimento rural. O ensaio também permite avaliar a possibilidade/efetividade de desenvolver métodos para melhor compatibilizar avaliações quali e quantitativas em questões tão substantivas quanto é o discurso às possibilidades no desenvolvimento do rural.

Essa diferença na forma de ver e compreender esses significados se supõe serem sempre enquadráveis como holocêntricas, tecnocêntricas, ecocêntricas e egocêntricas (Wals e Bawden, 2000)

O procedimento propriamente experimental constitui-se basicamente de duas etapas: a primeira em campo, onde foram identificados e registrados entendimentos e significados atribuídos as expressões *agricultura familiar*, *agroecologia*, *desenvolvimento sustentável*, e *sustentabilidade*. Para tanto foram utilizados questionários semi-estruturados (anexo 1), que foram aplicados junto às quatro categorias de atores sociais entre as quais as expressões são lugar comum: entre agricultores, técnicos, docentes e discentes de Agronomia.

A primeira etapa de campo ocorreu em dois momentos: o primeiro momento no Alto Jequitinhonha, com entrevistas com técnicos e agricultores, entrevistas estas feitas entre os dias 26 e 29 de janeiro de 2009. O segundo momento constituiu-se de entrevistas com professores e estudantes, entre os dias 25 de março e 24 de abril de 2009.

Para todas as entrevistas existiu um fio condutor: perguntas a partir das quais se pudesse inferir o entendimento do entrevistado em relação às expressões objeto de estudo. Mas para cada categoria a entrevista contemplou perguntas específicas, com as quais se buscou traçar o perfil do entrevistado e da categoria. Para os técnicos as perguntas eram com relação à formação, o tempo de trabalho na instituição e com quais atividades tinham maior envolvimento profissional. Com os agricultores as perguntas foram em relação ao tempo de participação nos projetos e atividades do CAV e em quais projetos participaram. Os professores responderam quanto a sua formação, a *área* do conhecimento que atuam e há quanto tempo desempenham a função docente. Os discentes já tiveram o perfil traçado como parte prévia da pesquisa, quando se optou por entrevistar estudantes da oitava fase do curso de agronomia. Mas para cada um deles foi perguntado sobre a *área* dentro da agronomia que eles mais se identificam.

Todas as entrevistas foram conduzidas tanto quanto possível de forma a deixar o entrevistado à vontade para responder, seja em relação a tempo ou o quanto de informações eles achassem que contemplaria melhor seu entendimento. Com isso, as entrevistas variaram entre 10 e 50 minutos.

As entrevistas levantaram, portanto, entendimentos entre pessoas de uma mesma categoria e entendimentos presentes entre categorias. Ou seja, não se pretende aqui que os entendimentos inferidos representem o entendimento de categorias, mas sim entendimentos presentes em componentes de categorias relevantes na caracterização de operar do rural.

As amostras, ou seja, os entrevistados das categorias delimitadas são compostas de 10 técnicos que assistem agricultores da região do Alto Jequitinhonha, 14 agricultores sorteados entre os apontados pelos técnicos, oito professores do Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas (PPGA) e nove estudantes de agronomia em fase final do curso. Os entrevistados das duas últimas categorias possuem vínculo profissional ou acadêmico com a Universidade Federal de Santa Catarina.

A interpretação e comparação das manifestações dos entrevistados, e seu enquadramento no espaço de fases, correspondeu à segunda etapa da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com procedimento que pode ser visto como metodologia operacionalmente ainda embrionária, mas epistemologicamente fundamentado, para as diversas expressões, foi possível comparar e distinguir entendimentos entre indivíduos de mesma categoria e entendimentos entre categorias. Considerando o grau de aproximação de determinado entendimento com o entendimento considerado característico foi possível avançar no sentido de *quantificar* as diferenças de entendimentos, seja entre categorias ou entre indivíduos de uma mesma categoria.

Em geral, os resultados obtidos apontam que, em relação ao significado e uso de expressões que possibilitam mais de uma interpretação, uma insuficiente delimitação não ocorre apenas no cotidiano urbano. Ou seja, os resultados corroboram a percepção de que ocorre significativa diferença de significado de supostamente importantes expressões presentes no discurso de diferentes categorias sociais direta ou indiretamente ligadas à reprodução do rural.

Expressões que não possuem significado suficiente podem não ser em si injustas, quanto podem não serem injustos aqueles que as usam, mas podem ser injustas as implicações de seu uso, mesmo que as intenções em usá-las sejam boas. No rural o mau uso de algumas expressões é corrente, mas não pelo significado que é pretendido, e sim pela variedade de significados que possui.

As respostas dadas na exposição de entendimentos que cada indivíduo, e que representam entendimentos presentes na categoria de agricultores, de técnicos, de estudantes e de professores, não foram avaliadas a partir de um suposto entendimento que poderia situar aqueles entendimentos como certos ou equivocados. Tampouco foram comparados quanto à sua pertinência ou suficiência. A única intenção é apontar a variedade de entendimentos que se tem, e a necessidade de se preocupar em relação à forma que as expressões são utilizadas.

Os resultados da pesquisa sugerem que no contexto de rural as expressões *agricultura familiar*, *agroecologia*, *desenvolvimento sustentável* e *sustentabilidade* são passíveis de entendimento bem diverso. A variedade certamente é condição a evolução. Mas o excesso de variedade, como apontou muito bem Atlan (1992), leva a insuficiência de coerência, e assim leva ao desaparecimento do ramo

evolutivo. Ou seja, tanto a variedade quanto a redundância podem comprometer a permanência ou o desaparecimento do fator em questão.

A variação de entendimentos inclusive entre professores e acadêmicos muito provavelmente afeta muito a resposta dos agricultores, pois estes incorporam os entendimentos que lhe são passados. Ou seja, a atuação de professores, técnicos e estudantes no meio rural, pode tornar diverso o entendimento entre os agricultores, mas, talvez mais que diversos, trata-se de entendimentos confusamente divergentes.

Os mais diferentes entendimentos ocorreram em todas as categorias pesquisadas, mostrando que mesmo entre membros de uma mesma categoria é fraca a aproximação no entendimento da expressão. Há ainda que considerar que determinadas expressões são mais polissêmicas do que outras, apresentando entendimento mais diverso, como se verá logo a seguir, quando é feita rápida discussão em torno de significados de cada expressão.

Optou-se por apresentar e discutir resultados obtidos expressão por expressão, a fim de destacar igualmente todos os casos. Mas antes de iniciar esta discussão, convém esclarecer aspectos referentes à distribuição do caráter de cada significado manifestado/interpretado.

A dispersão dentro dos pequenos quadrados de cada quadrante não está associada a intensidade do perfil manifestado. Em outras palavras, na caracterização que foi feita apenas a correspondência a um ou outro desses pequenos quadrados, é que se associa um grau de manifestação de um perfil mais holocêntrico, mais ecocêntrico, mais tecnocêntrico, mais egocêntrico. De qualquer forma, em cada quadrante se encontram as respostas de acordo com as intensidades em relação ao eixo da epistemologia e da ontologia reconhecidas como orientadora do discurso do entrevistado.

As manifestações e sua respectiva representação são, portanto, análogas àquela proposta por Wals e Bawden (2000). A interpretação das manifestações, por sua vez, foram feitas com base nos entendimentos referenciais de *agricultura familiar*, *agroecologia*, *desenvolvimento sustentável e sustentabilidade*, anteriormente definidos. E interpretadas a partir de referencial representado pelos entendimentos. Ou seja, o grau de intensidade para mais ou menos tecnocêntrico, ecocêntrico, holocêntrico ou egocêntrico foram comparadas com o entendimento *característico* de cada quadrante.

Em todos os gráficos a cor verde é referente à categoria professores, a cor amarela é referente à categoria estudantes, a cor azul é

referente à categoria agricultores, e a cor vermelha é referente à categoria técnicos.

Sobre o significado de *Agricultura Familiar*

De acordo com a Figura 4, é possível verificar que os significados apresentam uma distribuição com predominância de manifestações reconhecíveis como holísticas e relativistas e manifestações reducionistas e objetivistas. De acordo com cada categoria podemos encontrar situações diferentes.

As manifestações dos técnicos se mostraram proporcionalmente mais reducionistas e objetivistas. Para eles, os técnicos, agricultura familiar é a agricultura em que predomina o trabalho da família. Como é possível observar na fala de um entrevistado:

“Agricultura onde se sustenta utilizando mão de obra, ou seja tudo o que a família tem. Ou seja, da mão de obra familiar. Que inclui os pais e os filhos ali, ou seja, a família. Então essa é a agricultura familiar. Que não depende da contratação de terceiros. As vezes sim, em determinados períodos do ano. Mas a agricultura familiar é aquela agricultura que toda mão de obra, tudo o que é feito, toda movimentação na propriedade é utilizado da família... dos membros da família.” (entrevistado A., 2009)

As manifestações dos agricultores são proporcionalmente mais holísticas e relativistas, pois agricultura familiar para eles é um modo de vida, é cultural. É conviver com a natureza, é trabalhar com a comunidade, não apenas como um trabalho do núcleo familiar. Na fala de dois agricultores fica clara essa interpretação:

“... Vive mais da própria agricultura. De tudo ele faz parte: ele vive com toda a natureza, é o espaço, até os passarinhos vivem no meio dele.” (entrevistado B., 2009)

“Ela é um lugar de união, de muito proveito das famílias unidas. Nem só as famílias, como até a própria comunidade unida. Porque agricultura familiar tem que ter muita gente dentro dela, muitas famílias unidas, tem que ter muito entendimento...” (entrevistado C., 2009)

A categoria de professores ocorreu uma manifestação mais holística com relação a expressão, mas não se define como objetivista,

nem relativista. A agricultura familiar é vista como uma unidade em que o trabalho da família prevalece, mas que incorpora valores, que apresentam conflitos, apresenta uma diversidade social, diversidade de respostas, envolvendo o tamanho das unidades de produção, e podem apresentar raízes históricas do campesinato. Essa variedade de respostas merece atenção, em face de tratar-se de expressão que parece ser simples na academia, especialmente no centro de ciências agrárias, no qual o trabalho é voltado para o agricultor. A expressão incorporou vários conceitos, em um meio onde surge vários tipos de estudos e entendimentos, deixando de ser objetivo e tampouco conseguindo ser relativista. Vale destacar duas entrevistas cujas manifestações se mostram holísticas, sendo que a primeira com manifestações relativistas e a segunda com manifestações objetivista.

“Acho que é muito mais uma possibilidade para se realizar. Segurança alimentar, realização da pessoa...” (entrevistado D., 2009)

“Eu prefiro lidar com a categoria “camponês”... agricultura familiar, pra mim, é um conceito vazio...” (entrevistado E., 2009)

Na categoria estudantes, agricultura familiar é manifestada de forma mais reducionista e objetivista, assim como ocorreu com os técnicos. Agricultura familiar seria referência à pequena propriedade, na qual prevalece o trabalho da família, passando por todas as gerações. Um dos entrevistados deixa claro este entendimento em sua fala:

“São pequenas propriedades e que toda família trabalha ali naquela propriedade. É aquela atividade que gera renda pra família. Mesmo que em algum momento tenha que contratar, porque precisa de algumas pessoas para dar conta daquela atividade, mas é um trabalho da família, pra gerar renda e recursos pra família.” (entrevistado F., 2009)

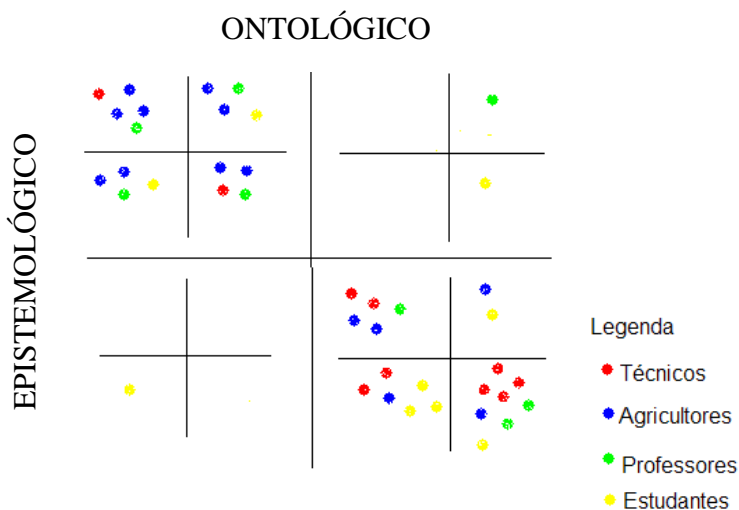


Figura 4: Dispersão da natureza de significados expressos a partir de manifestações de membros de categorias de entrevistados sobre o significado de *agricultura familiar*.

A situação mais clara de visualizar/interpretar talvez esteja entre o entendimento que técnicos e agricultores têm. São entendimentos opostos. Apesar dos agricultores pesquisados se verem como agricultores familiares, o entendimento que eles têm de agricultura familiar vai além do que eles são. É exatamente o tipo de trabalho que a organização realiza. É o trabalho com as comunidades, não apenas com o núcleo familiar. Quando se fala em trabalhar com os agricultores familiares os próprios agricultores relacionam ao trabalho com a comunidade. É importante destacar que isso não influencia no desenvolvimento das atividades entre técnicos e agricultores, pois todos têm a consciência de que estes agricultores não realizam uma agricultura que se aproxime da patronal. Há apenas que ficar atento quando utilizar a expressão, pois tratado em outros meios pode de fato gerar confusão.

Pode-se dizer que a melhor comunicação ocorreria entre técnicos e estudantes, pois ambos têm um entendimento mais próximo sobre o significado da expressão.

Já os professores divergem muito quanto a uma aproximação do entendimento da expressão. São claramente holísticos. Talvez deveriam

ser mais claros sobre as diferenças de significados que pretendem para a expressão, se quiserem ser compreendidos por qualquer das outras categorias, principalmente porque lecionam para jovens que possivelmente trabalharão para esse público.

Sobre o significado de *Agroecologia*

Conforme ilustra a Figura 5, é possível verificar que a maioria dos entrevistados são ontologicamente holísticos com relação à expressão agroecologia. Epistemologicamente é mais difícil se afirmar que haveria uma predominância entre os entrevistados, pois são apenas três entrevistados a mais que se enquadram como relativistas. Todavia, dependendo da categoria, pode-se apontar tendência. É o caso dos entrevistados da categoria professor, os quais tendem para o relativismo, ou seja, encontram dificuldades para serem mais objetivos em dizer o que significaria *agroecologia*.

holísticos e preponderantemente objetivistas. Em seu entendimento do significado de *agroecologia* são considerados vários aspectos dentro do assunto, mas ressaltam a questão do trabalho/relação do homem com o restante da natureza. A preocupação do agricultor em produzir, mas considerando aspectos importantes do meio para que se mantenha produzindo. Um dos técnicos manifestou o seguinte entendimento:

“É a questão do homem produzir com essa preocupação voltada pro meio... da preservação dos recursos hídricos, da terra.... da sustentabilidade. Essa relação mais harmoniosa mesmo, do sistema com o meio ambiente. A questão dos animais, da terra, cuidado com o solo...” (entrevistado G., 2009)

As manifestações dos agricultores também são bastante holísticas, com leve predomínio para o objetivismo. Manifestam entendimentos que não se distanciam muito daquele do perfil das manifestações dos técnicos, no que diz respeito ao entendimento da expressão, mas se mostram mais objetivistas porque exemplificam e trazem para sua realidade do dia-a-dia. Um agricultor explica que agroecologia para ele é:

“... a agricultura. Ali você produz tudo... plantando árvores... por exemplo: tem uma terra nua no seu terreno, você vai ali e faz um plantio de árvores nativas. Você pode tá produzindo a sua própria alimentação assim e ir fazendo coberturas,

respeitando os animais existentes, tentando atrair mais animais de fora. Preservando suas nascentes. Você consegue produzir ali, criando todo esse tipo de vida em volta de si próprio e simplesmente você se beneficia.” (entrevistado H., 2009)

As manifestações dos professores são, como já se apontou, bastante holísticas e relativistas, apresentando entendimentos diversos sobre o significado de *agroecologia*. Desde formas mais objetivas (como as citadas “modo de produção agrícola” e “agricultura de bases ecológicas”), até as formas mais relativistas (considerando como um sistema de produção energeticamente sustentável, de inclusão social, negação ao agronegócio, ao governo, às grandes empresas). Dentre as entrevistas há claramente uma manifestação holocêntrica:

“Na agroecologia a finalidade da produção é o ser humano, notadamente o (a) agricultor (a)... a agroecologia pressupõe a otimização dos recursos endógenos de uma unidade de produção, ou melhor ainda, de um território (região), de forma a que o sistema de produção seja energeticamente sustentável e não dependa de recursos externos outros que a energia solar...” (entrevistado I., 2009)

As manifestações da categoria estudantes é a mais holística de todas, mas epistemologicamente não se revelam com predominância para o relativismo ou para o objetivismo. A *agroecologia* é tida como uma maneira de produzir preservando⁴, ou ainda uma associação de produções com relações benéficas que consideram a segurança alimentar e a questão de utilização de insumos. São entendimentos que querem levar em conta vários aspectos que consideram importantes. Talvez por isso, sabem pouco demais sobre o que falam, diriam Wals e Bawden (2000). Em uma das falas, um entrevistado deixa claro seu posicionamento holístico e a grande quantidade de entendimentos que surgiram quando questionado:

“É trabalhar mesmo o conceito de agricultura familiar, mas com um conceito diferente, como seguindo os manejos, tanto da floresta quanto do que se produz, pensando nos insumos que vai

⁴ É impossível produzir ordem sem produzir um pouco de desordem. Este é o segundo princípio da termodinâmica. Para produzir alimentos revolvemos o solo, deslocamos nutrientes, provocamos poluição. É produção de ordem com geração de desordem. Esse tema é bem discutido por Morin, Prigogine, D’Agostini.

levar pra dentro da propriedade, pensando no que tu vai gerar. Tem várias teorias embutidas, não é uma coisa só: produção de orgânicos e permacultura. E dentro da agricultura familiar, faz bem parte disso, que é meio pra garantir a segurança alimentar, manter a pluriatividade das pessoas no campo, com tecnologias que também priorizam o meio ambiente, pra não degradar tanto. Principalmente a questão de usar agrotóxicos e máquinas agrícolas.” (entrevistado J., 2009)

ONTOLÓGICO

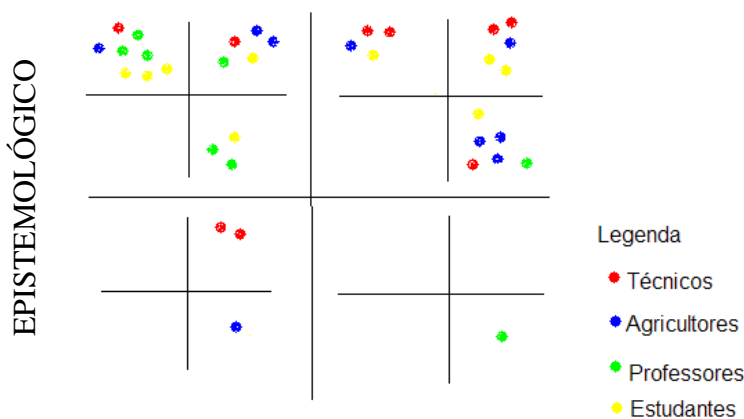


Figura 5: Dispersão da natureza de significados expressos a partir de manifestações de membros de categorias de entrevistados sobre o significado de agroecologia.

Agroecologia é uma das *frentes de trabalho* dos técnicos. Mas mesmo assim houve um entrevistado que não soube responder o que seria agroecologia, apesar de já ter ouvido falar e com ela trabalhar. O que pode ter dificultado a resposta é o fato de o técnico ter sua formação apenas conexas com seu trabalho, e por escutar muitos conceitos a respeito e não ter conseguido formular aquilo que ele acredita ser.

Com relação aos agricultores, o número de abstenções de resposta foi bem maior. Dos 14 entrevistados, cinco não souberam responder. Mesmo as perguntas tendo sido realizadas de outras formas, ao invés de serem diretas. Optava-se por perguntar com o que eles relacionavam e mesmo assim não houve resposta. Supõe-se que os técnicos não tratam com os agricultores diretamente pela expressão, mas de maneira a trabalhar pelos conceitos que cada técnico possui. Já professores e estudantes não tiveram dificuldades em responder, mas alguns se excederam (prolixos) e outros foram sucintos até demais.

Para todos os entrevistados que responderam, independente da categoria em que se encontram, é possível verificar que *agroecologia* incorpora diversos entendimentos e, evidentemente, refletem a epistemologia e a ontologia de cada um.

Admitindo a possibilidade, ou necessidade, de apontar em quais categorias poderia ocorrer maior coerência entre entendimentos, talvez entre agricultores e técnicos a comunicação seja mais eficaz, ou menos confusa. Mas mesmo assim ainda há necessidade de maior clareza. Há necessidade de precisar o que *agroecologia* se refere naquele contexto ou para aquela pessoa que se comunica. É importante observar que se entre professores não há um entendimento comum a respeito da expressão, se todos resolverem falar ou citar *agroecologia* por algum motivo, o estudante pode construir um entendimento muito diferente daquele que se espere que ele crie, ou simplesmente absorva.

Sobre o significado de *Desenvolvimento sustentável*

De acordo com o que ilustra a Figura 6, as manifestações dos diferentes entrevistados sobre o significado de desenvolvimento sustentável denotam um predomínio de uma ontologia predominantemente holística. Vivemos uma época de “vontades de salvar o planeta”.

Epistemologicamente é mais difícil afirmar em qual situação as manifestações dos entrevistados se encontram mais fortemente, pois são apenas cinco respostas a mais que se enquadram como objetivistas. Dependendo da categoria, podemos encontrar situações com algum predomínio da natureza epistemologicamente dominante. .

As manifestações dos técnicos são bastante holísticas e pouco mais objetivistas do que relativistas, fazendo muita referência à questão de equilíbrio entre o meio e as ações do homem, e a questão de preservação dos recursos naturais. Esta manifestação de entendimento mais *ecocêntrica* é mais evidente ou possível de ser melhor verificado na entrevista transcrita abaixo:

“Eu entendo que desenvolvimento sustentável é aquele desenvolvimento que vai trazer uma melhoria da qualidade de vida, no caso falando dos agricultores. Mas que reflete também os recursos naturais, o meio ambiente. É importante você ter essa preocupação com a vegetação, com os recursos hídricos... porque se você não tem essa preocupação com a sustentabilidade das gerações futuras, que eu penso desenvolvimento sustentável é isso... é você produzir, buscar uma melhoria, mas preocupar com a continuidade das outras gerações.” (entrevistado L., 2009)

Em relação às manifestações dos agricultores, por sua vez, pode-se dizer que estão praticamente *centradas*. *Desenvolvimento sustentável* seria a expressão daquilo que pode mantê-los, com diversidade de produção, comercialização, manejo correto do solo. Dão exemplos práticos de como eles podem se desenvolver e se manter na sua alternativa/opção de produção, com a agricultura. Desenvolvimento sustentável é uma expressão que eles não dominam conceitualmente, apesar de já terem ouvido falar. Isto foi percebido no decorrer das entrevistas, haja vista que a pergunta foi reformulada diversas vezes. Falta clareza sobre o *desenvolvimento sustentável* que escutam falar e que tentam trazer para sua vivência. Um entrevistado manifestou seu entendimento dizendo:

“Eu acho que é igual mesmo a gente receber uma mangueira (árvore) pra gente plantar, molhar. Então a gente ta plantando é um desenvolvimento pra sustentar pelo menos a família. Você não precisa ta comprando, sair pra trabalhar. Você já ta trabalhando na sua própria terra e vai desenvolvendo pra sustentar.” (entrevistado M., 2009)

Os professores se manifestam tendendo mais ao holísmo e ao relativismo. Consideram vários aspectos que devem ser atingidos para que de fato exista um *desenvolvimento sustentável*. Não depende de um fator, mas de vários, o que dificulta uma clara delimitação de significado. Dentre várias manifestações menos ou mais prolixas, é possível fazer um recorte de um entendimento para exemplificar:

“... é aquele que atende não só os interesses da geração atual, como das gerações futuras. Precisa contemplar a dimensão não só econômica, mas contemplar a dimensão social e ambiental. Enfim,

o desenvolvimento é um campo de relações sociais...” (entrevistado N., 2009)

As manifestações dos estudantes em relação ao significado de desenvolvimento sustentável são predominantemente ecocêntricas. Tratam a expressão *desenvolvimento sustentável* como uma forma de produzir sem impactar, sem degradar ou extrair sem esgotar os recursos naturais. Este entendimento é mais *visível* na manifestação de um entrevistado:

“Uma forma de produzir, uma forma de manter degradando o mínimo possível do ambiente natural, do ecossistema. Porque sempre vai existir uma degradação. Eu acho que desenvolvimento é conseguir atingir o mínimo, atingir um ponto de equilíbrio.” (entrevistado O., 2009)

ONTOLÓGICO

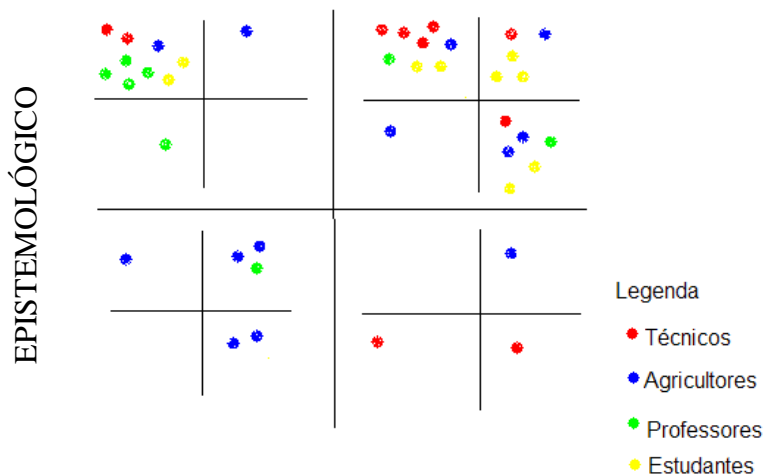


Figura 6: Dispersão da natureza de significados expressos a partir de manifestações de membros de categorias de entrevistados sobre o significado de *desenvolvimento sustentável*.

Entre todos os entrevistados, apenas um agricultor entre 14 não soube responder a pergunta sobre o significado de desenvolvimento sustentável. Os agricultores se mostraram pouco envolvidos com relação

à expressão. Por isso sua comunicação com os técnicos pode ficar em parte comprometida, já que entre as categorias entrevistadas, são as duas categorias mais próximas, ou que mais interagem. Os técnicos têm e precisam se *coordenar*, isto é, se comunicar, mais e melhor com os agricultores para serem compreendidos. Possivelmente porque os agricultores escutam a expressão de diferentes grupos com interesses próprios e que se apropriam do termo, é que surge a dificuldade dos mesmos em fazer considerações sobre o significado da expressão.

A comunicação na academia talvez não se torne tão difícil quanto no campo porque ontologicamente os professores e os estudantes têm manifestações igualmente predominantemente mais holísticas, mas epistemologicamente os professores manifestam-se mais relativistas e os estudantes manifestam-se mais objetivistas. Isso mostra que a comunicação entre essas categorias também pode se dar com pouca precisão.

É razoável dizer que a melhor comunicação ocorreria entre estudantes e técnicos. Ambas têm uma tendência a manifestarem-se de forma mais holística e objetivista quando tratam da expressão *desenvolvimento sustentável* como um *trabalho do homem com a natureza na qual os recursos não se esgotem, que haja preservação*.

Sobre o significado de *Sustentabilidade*.

A expressão *sustentabilidade* foi a que apresentou maior dispersão no que diz respeito à natureza de entendimentos quanto ao seu significado para membros das diversas categorias (Figura 7). Todavia ainda é possível verificar que agricultores tem manifestações ontologicamente mais reducionistas, e que professores e técnicos tem manifestações ontologicamente mais holísticas.

A categoria de técnicos apresenta manifestação predominantemente holística e objetivista, ou seja, mais ecocêntrica. Entendem que sustentabilidade é produzir sem degradar para que as gerações futuras possam também dispor de bons meios para viver. No trecho da fala de um dos técnicos é possível verificar a manifestação ecocêntrica:

... a gente tenta degradar o mínimo, de forma que garanta aquilo que é o objetivo maior. 'Na agricultura familiar sustentável de verdade, nada se perde, tudo se transforma'. Então, você vai priorizar o que você quer para gerar o lucro e sem causar um dano pro outro... (entrevistado P., 2009)

Os agricultores se manifestaram de forma mais reducionista e relativista. Consideram as condições de sobrevivência da família. Para eles, *sustentabilidade* é cuidar do meio para produzir com diversidade para se manter e manter outros indivíduos. A interpretação pode ser observada pelo trecho transcrito abaixo:

”Eu refiro sustentabilidade a aquilo que você pode usar e deixar pra sustentar os outros, É aquilo que você usa, te sustenta e você pode deixar... de bom... pra melhor... pra ta sustentando também os outros. (entrevistado Q., 2009)

As manifestações dos professores de forma geral são mais holocêntricas, ou seja, com tendência holística e relativista. Interpretam *sustentabilidade* como um conjunto de fatores que viabilizem uma permanente ocorrência de bons acontecimentos, boas ações para satisfazer critérios orientadores da humanidade, como está em parte de uma entrevista transcrita abaixo:

“Não sei, não tenho uma definição precisa do que é sustentabilidade. Pra mim é um esforço que se faz no sentido de reduzir um dispêndio de energias fósseis. É um esforço no sentido de reduzir a pobreza, é um esforço de preservar os estoques de biodiversidade, preservação do meio ambiente, mas isso pra mim é tudo esforço. É objetivo, é tentativa de... Então, eu não teria uma definição pra sustentabilidade, não tenho nada formulado sobre. É uma busca de mudança do padrão técnico, social, sócio-produtivo.” (entrevistado R., 2009)

Os estudantes se manifestaram de forma mais holística, mas sem clara definição quanto à epistemologia. *Sustentabilidade* é tratada como uma ação que permita que uma atividade permaneça a longo prazo, que *exista um equilíbrio*. Consideram a capacidade do “ambiente”, a questão da energia que entra e sai do *sistema*. A sustentabilidade incorpora vários significados, mas sem clareza. O trecho de uma entrevista abaixo exemplifica o caso:

“Manter alguma coisa sem degradá-la. Que tu consiga continuar extraindo sem dizimar aquilo. Deixar a coisa ter continuidade, não acabar plenamente com ela, não exaurir. E da mesma forma continuar produzindo aquilo ali, pra te

sustentar em cima daquilo ali.” (entrevistado S., 2009)

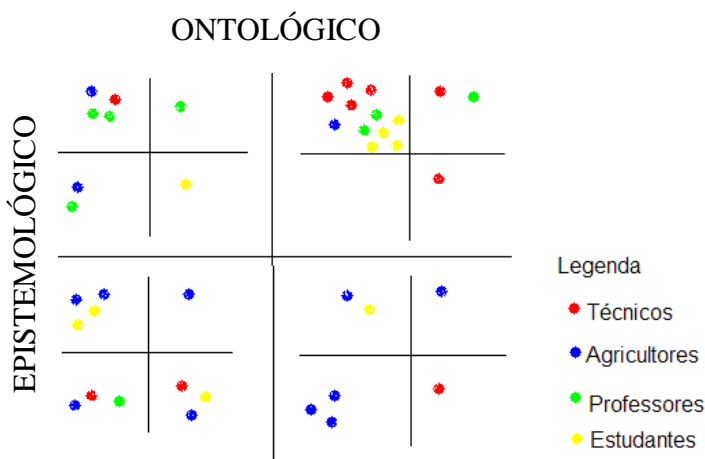


Figura 7: Dispersão da natureza de significados expressos a partir de manifestações de membros de categorias de entrevistados sobre o significado de *sustentabilidade*.

A expressão *sustentabilidade* assume, assim, variados significados nas diversas categorias, pois são muito diversas as formas de entendê-la. De maneira geral é possível verificar que agricultores e técnicos percebem a expressão de forma bastante diferente, mesmo estando os entendimentos manifestados pelos agricultores muito dispersos. De certa forma a compreensão dos agricultores tem como referencial o núcleo familiar. Já para os técnicos o entendimento de sustentabilidade é muito mais amplo, serve para a sociedade como um todo. Quando há um trabalho em conjunto, os agricultores tomam a expressão para dar significado às relações que eles vivem. Os técnicos talvez pudessem, ou deveriam ser mais claros, se referindo à *sustentabilidade* como algo que não dependa só dos agricultores, mas sim de todas as pessoas, seja daquelas que estão no campo e as que estão na cidade. Mas para isto a própria instituição à qual estão vinculados os técnicos precisaria ter clareza sobre o significado da expressão. Considerando que, individualmente, cada técnico manifesta um

entendimento, há que se pensar enquanto instituição, qual entendimento seria mais relevante como instrumento de mobilização dos agricultores.

Professores e estudantes parecem estar num caminho mais propício a um entendimento entre os entendimentos, mas para tanto é necessário que a categoria professor possa ser mais clara ao disseminar expressões com mensagem que incorpore todos os significados pretendidos em *sustentabilidade*. É importante distinguir a *sustentabilidade* que cada um se refere, pois, como dizem Wals e Bawden (2000): “o que constitui uma melhoria? E quem decide? Há muito mais do que apenas os diferentes níveis de complexidade que envolve cada um” (Wals e Bawden, 2000). São manifestações que representam aspectos de algumas das questões mais profundas da atualidade, por isso, merecem ser utilizadas com certa cautela.

Há que se considerar, para todos os casos, que na relação estudante e professor, muitas vezes os estudantes são reprodutores do discurso de professores, outros são mais críticos e tiram suas próprias conclusões, associando seus conceitos aos seus ideais e perspectivas. Para os casos em que o discente é reprodutor do discurso do docente, este deve tomar cuidado redobrado com as palavras que usa. Mas não apenas com as expressões que possuem muitos significados. Este cuidado precisa acontecer também com as expressões que possam trazer significados errados para o que se pretende dizer. Falar *sustentabilidade* sem clareza é tão ruim quanto, ou pior, do que utilizar *direito* ao invés de *justiça*. Da mesma forma pode-se dizer da relação técnico e agricultor. Todo cuidado é pouco!

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“As palavras têm a leveza do vento e a força
da tempestade.”*
(Victor Hugo)

É importante que se diga que na tentativa de criar manifestações características ou referenciais para as expressões *agricultura familiar*, *agroecologia*, *desenvolvimento sustentável* e *sustentabilidade*, para então situar os mais diversos entendimentos em quadrantes definidos pelos eixos resultantes a partir dos extremos da ontologia e da epistemologia, a maior dificuldade foi caracterizar as manifestações referenciais referentes aos quadrantes inferiores, ou seja, ao egocentrismo e ao tecnocentrismo. Talvez, se não certamente, esta dificuldade decorre da própria ontologia e da epistemologia que orienta a autora do trabalho. Com isto se quer apontar que é sempre muito difícil fazer um estudo que aponte como se orienta ontologicamente e epistemologicamente um pensar, na medida em que este estudo não pode ser feito sem os efeitos da epistemologia e da ontologia que orienta quem estuda.

De qualquer forma, da mesma forma que foi possível proceder para realizar o presente estudo para as expressões *agricultura familiar*, *agroecologia*, *desenvolvimento sustentável* e *sustentabilidade*, é possível realizar o mesmo procedimento para tantas outras expressões que possuem significados nem sempre suficientes. É igualmente possível, evidentemente, é que estudos referentes ao assunto sejam realizados no âmbito de outras categorias, assim no âmbito das mesmas categorias e amostradas como tal. Ou seja, reconhece-se que no presente estudo não se poderia fazer referência a entendimentos presentes ou predominantes nas categorias estudadas, mas sim e tão somente em elementos pertencentes a uma ou outra categoria, pois as mesmas não foram efetivamente amostradas. Em outras palavras, o estudo não foi na direção de se apontar a natureza de entendimentos nesta ou naquela categoria, mas no sentido que podem existir entendimentos muito diferentes em diferentes categorias.

O fato de a pesquisa ter sido realizada em dois locais bem diferentes, representados por localidades de Minas Gerais e de Santa Catarina, e entre categorias tão distintas, foi com a intenção de mostrar que as expressões pesquisadas possuem de fato entendimentos

diferentes. Outro fato importante a considerar é que estes diferentes entendimentos ocorrem em contextos diferentes. Se a pesquisa tivesse incluído empresários que representassem empresas multinacionais responsáveis por produzir insumos agrícolas, por exemplo, e que para isso fosse necessário ir a outros países, muito provavelmente essas mesmas expressões possibilitariam a manifestação de outros entendimentos, com nova e diferente distribuição nos quadrantes do sistema cartesiano ontologia x epistemologia.

As expressões *desenvolvimento sustentável* e *sustentabilidade* foram apresentadas e discutidas junto aos entrevistados intercaladas às outras duas expressões (*agricultura familiar* e *agroecologia*), para diminuir as possibilidades de os entrevistados estabelecerem relação entre as duas expressões em função do radical *sustent*. Supunha-se que tal associação poderia afetar a resposta. Mesmo assim houve, entre todas as categorias, algum grau de confusão com ralação as duas expressões. Depois de entrevistados, alguns dos atores diziam já ter respondido na anterior, fazendo apenas algumas complementações, sem notar que de fato se tratava de diferentes expressões. Isso mostra que as expressões são sim insuficientes em significado.

No processo de interpretação das respostas e assim *enquadrá-las*, é preciso atentar tanto para o eixo da ontologia quanto para o da epistemologia, ou seja, enxergar na resposta a manifestação holocêntrica, tecnocêntrica, ecocêntrica ou egocêntrica. Já dispostas no quadro de fases, tornou-se possível analisar os resultados exclusivamente a partir dos eixos: ontológico e epistemológico, ou seja, dizer se as manifestações eram mais holísticas ou reducionistas e mais relativista ou objetivista. Além disso, parece, pelo menos para a autora, que é mais fácil distinguir ontologia do que epistemologia. Talvez porque a partir de um perfil ontológico seja mais fácil saber o que os entrevistados pensam, a partir de sua própria história de vida e atividades que desenvolvem e que têm mais afinidade. Este é um possível e interessante objeto de estudo que emergiu do estudo presente.

Em todos os casos de expressões e categorias consideradas no estudo é possível verificar a dispersão de entendimentos quanto aos entendimentos e significados neles produzidos. Nenhuma categoria se enquadra em apenas uma manifestação de entendimento. Ou seja, em nenhuma expressão considerada ocorreram respostas que se enquadrem como holocêntricas, tecnocêntricas, ecocêntricas ou egocêntricas. Mas isso já era esperado. E tem uma importante consideração a ser feita: mostra o quanto devemos ser precisos no nosso comunicar.

Dito tudo isso, talvez a mais importante consideração a ser feita é com relação ao que diz Wittgenstein⁵: "sobre o que não conseguimos falar, devemos silenciar". Evitamos assim reproduzir aquilo que conhecemos pouco demais. Talvez compreendamos insuficientemente as implicações do uso de expressões com significados insuficientemente entre os diferentes interessados.

⁵ Ludwig Joseph Johann Wittgenstein: filósofo austríaco, que teve reconhecimento no Século XX. Contribuiu com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outras.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, J. M.; SOUZA, F. N. S.; D'AGOSTINI, L. R. **Usos das terras e natureza do pensar: orientação (eco)lógica**. Palmas: UNITINS, 2009. 80 p.

ALVES, R. **Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 209 p.

ASSIS, T. R. P.; RIBEIRO, E. M. Agricultura familiar, Organizações Territoriais de Desenvolvimento (OTDs) e políticas públicas: estudos de caso em Minas Gerais. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 43, 2005, Ribeirão Preto. Anais... Ribeirão Preto: SOBER, 2005.

ARTICULAÇÃO NO SEMI-ÁRIDO BRASILEIRO – ASA Brasil. Disponível em: http://www.asabrazil.org.br/Portal/Informacoes.asp?COD_MENU=1150>. Acesso em: 15 out. 2009.

ATLAN, H. **Entre o cristal e a fumaça: ensaios sobre a organização do ser vivo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. 268 p.

BONI, V. e QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em Ciências Sociais. In.: Em TESE – REVISTA ELETRÔNICA E PÓS-GRADUANDOS EM SOCIOLOGIA POLÍTICA DA UFSC. Vol. 2, nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2010.

D'AGOSTINI, L. R. e CUNHA, A. P. **Ambiente**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. 188 p.

D'AGOSTINI, L. R. **Çal do saber sem sabor**. Florianópolis: Ed do Autor, 2004. 96 p.

DIAMOND, J. A evolução da inventividade humana. In: MURPHY, M. P, O'NEILL, L. A . J. **O que é vida? 50 anos depois**. São Paulo: Ed UNESP, 1997. p. 53-69.

DÍAZ BORDENAVE, J. E. **O que é comunicação**. São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1986. 105 p.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 407 p.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 p.

LAKOFF, George. **Womem, fire, and dangerous things : what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987. 614 p.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001. 203 p.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. 98 p.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 336 p.

MORIN, E. **O enigma do homem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979. 227 p.

MORIN, E. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1973. 222 p.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. **A nova aliança: metamorfose da ciência**. Brasília: Martins Fontes, 1997. 247 p.

RIBEIRO, E. M.; GALIZONI, F. M. Sistemas agrários, recursos naturais e migrações no alto Jequitinhonha, Minas Gerais. In: TORRES, H. E COSTA, H. (Orgs), **População e meio ambiente: debates e desafios**. São Paulo, Senac, 2000.

RIBEIRO, E.M.; GALIZONI F.M. Água, população rural e políticas de gestão: o caso do vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. **Revista Ambiente e Sociedade**. Campinas, Nepam/Unicamp, Vol. V - no 2 - ago./dez. 2002 - Vol. VI - no 1 - jan./jul. 2003. p. 129-146, 2003.

WALS, A. & BAWDEN, R. **Integrating Sustainability into Agricultural Education: dealing with complexity, uncertainty and diverging worldviews**. In: INTERUNIVERSITY CONFERENCE FOR AGRICULTURAL AND RELATED SCIENCES IN EUROPE (ICA), Belgium, 2000. p. 01-18.

ANEXO

Perfil*

Técnicos:

- 1) Há quanto tempo você trabalha na instituição (CAV)?
- 2) Desde a sua entrada no CAV, em quais projetos você esteve e está mais envolvido?

Agricultores (as):

- 1) Há quanto tempo que o (a) senhor (a) tem o acompanhamento da instituição (CAV), participa das atividades...?
- 2) De quais atividades, junto ao CAV o (a) senhor (a) participa e já participou?

Professores:

- 1) Qual a sua formação e como quando foi sua inserção na academia (desde o início da graduação até a identificação com a área e a docência)?

Estudantes:

- 1) Qual área, dentro do curso de agronomia, você mais se identifica?

Questões elaboradas para todas as categorias:

- Qual é o seu entendimento para *desenvolvimento sustentável*?
- O que você entende por *agricultura familiar*?
- Qual é o seu entendimento de *agroecologia*?
- O que você entende por *sustentabilidade*?

* Estabelecido conforme a categoria do entrevistado.